

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**POPULARIZAÇÃO DA CANOAGEM  
COMO ESPORTE E LAZER - O CASO DE PIRACICABA**

**DENIS ROBERTO TEREZANI**

**PIRACICABA, SP**

**2004**

# **POPULARIZAÇÃO DA CANOAGEM COMO ESPORTE E LAZER - O CASO DE PIRACICABA**

DENIS ROBERTO TEREZANI

ORIENTADOR: PROF. DR. NELSON CARVALHO MARCELLINO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde – Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação Física, sob a orientação do Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

PIRACICABA, SP

2004

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino  
FACIS/UNIMEP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Roberta Gaio  
FACIS/ UNIMEP

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Heloísa Helena Baldy dos Reis  
FEF/UNICAMP

## AGRADECIMENTOS

*Só há uma coisa no mundo melhor e mais bela que a mulher: a mãe* (L. Shefer).  
Para minha mãe Letícia, pessoa que sempre me incentivou a nunca desistir de meus sonhos e conquistas, mulher símbolo de ternura e garra.

*Quando se quer bem um pessoa, a presença dela conforta. Só a presença, não é necessário mais nada* (Graciliano Ramos). Para Osvaldo, homem de caráter inestimável e de grandes conquistas, fazendo com que eu renove meu orgulho por você a cada dia, pelo simples fato de chamá-lo de pai.

*A juventude se reconhece por três sinais essenciais: a vontade de amar, a curiosidade intelectual e o espírito de audácia* (Giovani Papini).

Para a minha irmã Larissa, que sua maturidade, faça transparecer sempre seu coração de criança.

*Fundamental mesmo é o amor, é impossível ser feliz sozinho* (Tom Jobim).

Para Giovana, companheira de caráter ímpar na minha vida; mulher com quem compartilho minhas alegrias e tristezas; pessoa dotada de grande paciência e compreensão sempre me incentivando para que eu nunca desista das minhas utopias.

*Não se pode ensinar tudo a alguém, pode-se apenas ajudá-lo a encontrar por si só.* (Galileu Galilei).

Palavras que traduzem a minha gratidão aos ensinamentos de Nelson Carvalho Marcellino que, com o passar do tempo, foram se fortificando, convertendo-se numa grande amizade.

Às Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Heloísa Helena Baldy dos Reis e Roberta Gaio, pelas pertinentes contribuições para melhoria na conclusão dessa dissertação.

Ao corpo docente da Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade Metodista de Piracicaba.

À Prefeitura Municipal de Piracicaba, por meio da Secretaria de Esportes Lazer e Atividades Motoras.

À amiga Juraci Beraldi, sinônimo de competência e profissionalismo.

## DEDICATÓRIA

*Lembrei-me dele e senti saudades... Tanto tempo que a gente não se vê! Dei-me conta, com uma intensidade incomum, da coisa rara que é a amizade. E, no entanto, é a coisa mais alegre que a vida nos dá. A beleza da poesia, da música, da natureza, as delícias da boa comida e da bebida perdem o gosto e ficam meio tristes quando não temos um amigo com quem compartilhá-las. Acho mesmo que tudo o que fazemos na vida pode se resumir nisto: a busca de um amigo, uma luta contra a solidão...*

Rubem Alves

***Luta contra a solidão, que combato diariamente com:***

***Amigos do meu cotidiano:***

Lurdes Pissócaro, Janáina M. de Almeida, Carlos Eduardo Mendes, Alisson Domingues, Ivan Penteado, Márcio e André Costa, Adriano Perina, Vilson Pereira, Marcelo Campos, Kléber Augusto, Fabiano Marangoni, André de Filippis, Evandro Fabretti, Tatiana Martins e Hilário Neves.

***Amigos de longas distâncias que nem mesmo o tempo irá destruir:***

Sabrina Brites, Meico, Flávio Belotto, Irmãos Selbach, Ênio Winckler, Adair Marcon.

***Amigos de viagens, pelas trocas de experiências:***

Maria Cecília Bonacelli, Marcollino Malosso Fº., Emerson Ferreira, Luciana Bróglio.

***Amigos integrantes da "Sexta" aula:***

Angélica, Flávia, Teresa, Juliana, Jussara Rosa, Luiz Carlos, Cassiano, Ataliba, Manoel, Mazzini, Ivan, Ignácio.

***Amigos que em mim acreditaram, oferecendo oportunidades para o meu crescimento profissional:***

Pedro Paulo Maneschy e Clauberto Costa.

E, principalmente, a todos os integrantes da Associação de Canoagem de Piracicaba - ASCAPI, amigos que conquistei entre "remadas e viradas", sem os quais não teria motivos para a realização deste trabalho, é com vocês que compartilho mais esta vitória.

*Quem faltou no papel está no coração*

Guineto

## RESUMO

Fruto de pesquisa bibliográfica e documental esta dissertação tem como principais objetivos identificar fatores sócio-econômicos, políticos e culturais que provocam impedimento da popularização da canoagem, mesmo em municípios com condições naturais favoráveis à prática da modalidade e verificar, a partir desse diagnóstico, até que ponto a existência de uma política pública de esporte e lazer municipal, contribui, ou não, para minimizar esse impedimento. A pesquisa bibliográfica foi realizada no sistema de bibliotecas da UNIMEP-SP e a pesquisa documental foi levada a efeito, tendo por base o método de estudo de caso, com critério de amostragem não probabilística intencional, por acessibilidade e representatividade, na cidade de Piracicaba-SP, que reúne condições naturais propícias, além de desenvolver política pública na área, com o Projeto Desporto de Base - PDB, na modalidade específica canoagem, desde 1989. Para a análise documental, foram utilizados documentos das Federações, da Confederação Brasileira de Canoagem, Prefeitura Municipal de Piracicaba, Associação de Canoagem de Piracicaba e Jornais locais. Oriunda do cotidiano da cultura popular, seja como atividade utilitária, seja como atividade lúdica, a canoagem se insere hoje como lazer e esporte na nossa sociedade pós-industrial, de características urbanas e necessita de políticas públicas governamentais e da sociedade civil organizada para ser democratizada. O estudo constata que é possível um trabalho de popularização da canoagem, estimulada por uma política pública municipal, ligada às outras esferas de poder (Estadual e Federal), e articulada com os órgãos que representam a modalidade nacionalmente (Federações e Confederação); de preferência mediada por Associação local, formada por interessados na área, partindo de iniciativas espontâneas da sociedade civil organizada. Constata, também, que essa política deve entender a canoagem enquanto esporte, com base no componente lúdico da cultura, principalmente nas suas categorias iniciais, bem como enquanto manifestação de lazer. Neste último aspecto, destaca a importância da formação de uma estrutura de animação composta por animadores sócio-culturais, profissionais de competência geral, profissionais de competência específica, bem como voluntários.

**Palavras-Chave:** Lazer, Esporte, Políticas Públicas, Canoagem, Piracicaba.

## **ABSTRACT**

The offspring of the present bibliographic and documental essay embodies as main objectives to identify social-economical, political and cultural elements that provoke the hindrance of canoeing popularization, within municipal districts with natural favorable conditions to its practicing, and to verify and make a diagnosis of it, to the point of the existence of a public sport politics and municipal leisure that contributes or not to minimize this impediment. This bibliographic research was carried through in the library systems of UNIMEP-SP and the documentary research was conveyed based on the method of case study, with non-probabilistic intentional sampling criteria, for accessibility and representative, in the city of Piracicaba-SP, that congregates favorable natural conditions, besides developing public politics in the area, with the Base Sport Project – BSP, in the specific mode canoeing, since 1989. For the documentary analysis, documents were exploited from the Federations, Brazilian Canoeing Federation, Municipal City Hall of Piracicaba, Piracicaba Canoeing Association and local newspapers. Derived of a daily popular culture, either as utilitarian activity, either as games activities, the canoeing is inserted today as a leisure and sport in our post-industrial society, with urban characteristics, needing so a governmental public politics and a civil organized society to be democratized. This essay evidences that it is possible a popularization of canoeing, stimulated by a municipal public politics linked to other governmental spheres (State and Federal), articulated with entities that represent the canoeing mode nationally (Federations and Confederations), preferably liaised by local Associations, constituted by citizens involved with the area, starting from spontaneous enterprises of the organized civil society. It demonstrates, also, that such politics must interpret canoeing while a sport as part of the cultural games and activities, mainly in its initiatory categories, as well as while leisure manifestation. The final aspect detaches the significance of an organizational animation structure, compounded of social-cultural recreating professionals of wide and specific competences and volunteers.

Key-words: Leisure, Sport, Public Politics, Canoeing, Piracicaba.

## LISTA DE QUADROS E FOTOS

<b>Quadro 1</b>	Velocidade	17
<b>Quadro 2</b>	Slalom	18
<b>Quadro 3</b>	Descida	20
<b>Quadro 4</b>	Canoagem Oceânica	21
<b>Quadro 5</b>	Maratona	25

<b>Foto 1</b>	Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) – Canoa Dupla	16
<b>Foto 2</b>	Atletas Piracicabanos na Copa Brasil em Três Coroas – RS/2003	18
<b>Foto 3</b>	Evento de Canoagem Adaptada	19
<b>Foto 4</b>	Modalidade Canoa Individual	20
<b>Foto 5</b>	Caiaque Individual Oceânico	21
<b>Foto 6</b>	Caiaque <i>Surf</i>	22
<b>Foto 7</b>	Classe <i>Waveski</i>	22
<b>Foto 8</b>	Partida Oficial de Caiaque-Polo	23
<b>Foto 9</b>	Competição com trajeto servido de obstáculos: Transição feita por terra	25
<b>Foto 10</b>	Campeonato Brasileiro – Rio das Antas/RGS/ Junho 2003	26
<b>Foto 11</b>	Atleta Piracicabano no Campeonato Brasileiro de <i>Rodeo</i> – Pirajú -SP/2003	27

## LISTA DE SIGLAS

ABC	Associação Brasileira de Canoagem
AFAN	Atividades Físicas de Aventura na Natureza
ASCAPI	Associação de Canoagem de Piracicaba
BCU	União Britânica de Canoagem
C	Canoa
CBCa	Confederação Brasileira de Canoagem
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CPP	Consultoria em Políticas Públicas
FCMS	Federação de Canoagem de Mato Grosso do Sul
FEBAC	Federação Baiana de Canoagem
FEBRACAN	Federação Brasiliense de Canoagem
FECAERJ	Federação de Canoagem do Estado do Rio de Janeiro
FECERGS	Federação de Canoagem do Estado do Rio Grande do Sul
FEMIC	Federação Mineira de Canoagem
FGCa	Federação Goiana de Canoagem
FPCa	Federação Paulista de Canoagem
ICF	Federação Internacional de Canoagem
IPTU	Imposto sobre propriedade Predial e Territorial Urbana
INDESP	Instituto Nacional do Desenvolvimento de Desporto
IRF	Federação Internacional de Rafting
K	Caiaque
K1M	Caiaque Masculino
K1W	Caiaque Feminino
PDB	Projeto Desporto de Base
SEDEMA	Secretaria de Defesa do Meio Ambiente
SELAM	Secretaria de Esporte e Lazer e Atividades Motoras
SEMES	Secretaria Municipal de Esportes de Santos
SEMOB	Secretaria Municipal de Obras
SEMUTRI	Secretaria Municipal de Transportes Internos
SENAC	Serviço Nacional do Comércio
SENAI	Serviço Nacional da Indústria
SESC	Serviço Social do Comércio
SESI	Serviço Social da Indústria

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I – A CANOAGEM COMO LAZER E ESPORTE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA</b> .....	6
1.1. A manifestação da canoagem no lazer: a superação do desafio - Ser humano X Natureza.....	29
1.2. O surgimento das atividades esportivas etno-históricas e suas contribuições à canoagem contemporânea.....	41
1.2.1. A canoagem participativa.....	43
1.2.2. Da participação à competição.....	46
1.3. As barreiras para a prática da canoagem e a necessidade de políticas públicas.....	53
<b>CAPÍTULO II – REMANDO CONTRA AS FORTES CORRENTEZAS DAS BARREIRAS SOCIOCULTURAIS, EM BUSCA DA CALMARIA DA DEMOCRATIZAÇÃO CULTURAL</b> .....	60
2.1. A estrutura organizacional da canoagem brasileira: a criação da Confederação Brasileira de Canoagem.....	61
2.2. As políticas de atuação voltadas à propagação da canoagem e à necessidade de uma política nacional.....	64
2.3. Projeto Desporto de Base (P.D.B.) em Piracicaba - Preservando a formação esportiva, enquanto garantia de oportunidade.....	69
2.3.1. Projeto Desporto de Base na modalidade Canoagem.....	72
2.3.1.1. Fase I: Iniciação, Recreação e Massificação: A aprendizagem de uma maneira lúdica - Aprender a remar brincando.....	81
2.3.1.2. Fase II: Formação e Aperfeiçoamento: uma continuidade decorrente de estimulações.....	84
2.3.1.3. Fase III: Treinamento esportivo: a busca da superação por meio da competitividade.....	86
2.4. As fortes correntezas das barreiras socioculturais.....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	97
<b>ANEXOS</b> .....	104

## INTRODUÇÃO

*A esperança é de que,  
distantes da pantomima do poder,  
os sonhos não tenham morrido.*

Rubem Alves

Clima tropical, tendo toda a costa banhada pelo Atlântico e irrigada por milhares de rios conhecidos, de fundamental importância para a nossa sobrevivência, este é o Brasil, um país que, aparentemente, proporciona condições favoráveis para o desenvolvimento da modalidade “canoagem”

Canoagem, nestas circunstâncias, deve ser entendida como o simples ato de conduzir uma embarcação com o auxílio de remos. Essa ação, como sabemos, era muito praticada pelos povos nativos que aqui habitavam, com o objetivo de suprir necessidades básicas como transporte, pesca, traduzidas em tradições etno culturais vinculadas à história deste país.

Tal embarcação, com fins utilitários, passou de veículo de locomoção, a fazer parte do lazer das pessoas, chegando a transformar-se até em esporte de competição.

Daí em diante, várias manifestações passaram a integrar o "universo" da canoagem, como a crescente demanda por turistas que ousam se aventurar em corredeiras com botes infláveis, à procura de desafios. Em contrapartida, temos pessoas que, nos momentos de lazer, procuram gozar de um simples passeio de caiaque em águas tranquilas, como também aqueles interessados que se tornam adeptos assíduos da sua prática, traçando objetivos em busca de aprimoramento dos gestos técnicos, para melhor condução da embarcação.

Nem todas as atividades se tornam populares, por diferenciados motivos tais como: sócio-econômicos, políticos e culturais, geradores de barreiras sócio-culturais que assolam os esportes amadores brasileiros, impedindo que se estabeleçam valores de democratização cultural.

Esta dissertação pretende identificar esses fatores sócio-econômicos, políticos e culturais que impedem a popularização da canoagem. Tais fatores estariam presentes mesmo nas cidades que possuem condições naturais apropriadas para a prática e desenvolvimento da modalidade, verificando a partir desse diagnóstico, até que ponto a existência de uma política pública de esporte e lazer municipal, contribui ou não para minimizar esse impedimento. Procuramos

analisar, então, a confluência dos fatores naturais-ambientais e sócio-políticos para a popularização da canoagem.

Partimos do pressuposto de que para o desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva, primeiramente é necessário que a mesma se torne popular. Assim a canoagem deverá seguir os mesmos princípios.

Para tanto, com base em critérios de acessibilidade e representatividade, pela popularidade da canoagem como lazer e esporte no município, foi escolhida a cidade de Piracicaba-SP, como nosso estudo de caso, seguindo a metodologia de Bruyne, et al (1991), enquanto modo de investigação, a partir do Projeto Desporto de Base (P.D.B.), na modalidade Canoagem, que o integra, desde 1989.

Segundo Bruyne, et al (1991, p.227), os estudos de caso

*[...]têm, por si mesmos, um caráter 'particularizante' e seu poder de generalização é limitado na medida em que a validade de suas conclusões permanece contingente. Essas conclusões não se revelam necessariamente corretas em outros casos, mesmo semelhantes, e fontes de diferenças distintas das contidas no caso escapam inteiramente à análise.*

Estamos participando desse projeto desde a sua fundação, impulsionados, principalmente pelo método desenvolvido em relação aos seus praticantes, ou seja, preservar a formação esportiva enquanto garantia de oportunidade, educação, lazer e prazer, além de propiciar uma melhor qualidade de vida para crianças e adolescentes.

Por outro lado, entendemos que estudar esta questão representa um avanço para as áreas pertinentes ao esporte e lazer, como também para a Educação Física, em especial para as atividades náuticas nacionais, com destaque para a canoagem, se considerarmos que existem vários esportes como ela, que sofrem com a monocultura futebolística, acarretando dificuldades e um determinado "amadorismo" na propagação das demais atividades esportivas em nosso país.

Com o ingresso no Programa de Mestrado em Educação Física, na área de Corporeidade, Pedagogia do Movimento e Lazer, houve um interesse ainda maior nas relações Lúdico, Jogo, Esporte, manifestando-se no Lazer das pessoas, e nas

vinculações que podem ser estabelecidas na democratização das atividades de lazer e esporte, por meio de políticas públicas.

Outra vertente, indispensável, fornecida pelo P.D.B. são os subsídios às Políticas Públicas de Lazer, pois se o projeto é de natureza popular, englobando diversificadas faixas etárias, obviamente necessitará da participação, mas não aquela participação ideológica, cujos regulamentos e leis são impostos sem qualquer oportunidade popular. Sendo assim, não podemos deixar de concordar com Demo (1996, p. 97) quando afirma que: *participação não pode ser dada, outorgada, imposta. Também nunca é suficiente, nem prévia. Participação existe, enquanto for conquistada . Porque é processo e não produto.*

Assim, a problemática da pesquisa nasceu da dialética da ação x reflexão x ação, proposta por (SAVIANI,1980).

O trabalho tem uma abordagem qualitativa, com uma combinação de pesquisas bibliográfica e documental.

A pesquisa bibliográfica foi efetuada junto ao sistema de bibliotecas da UNIMEP, pelas palavras chaves: popularização do esporte, lazer, políticas públicas em esporte e lazer e canoagem, a partir das técnicas de análises: textual, temática, interpretativa e problematização (SEVERINO, 2000).

A pesquisa documental foi efetuada nos documentos das Federações, Confederação Brasileira de Canoagem, Prefeitura Municipal de Piracicaba, Associação de Canoagem de Piracicaba e Jornais de Piracicaba, com base na técnica de análise documental (GIL, 1991).

O trabalho é dividido em dois capítulos interligados.

No primeiro, com base numa abordagem histórica, a canoagem é analisada como lazer e como esporte. É destacado o surgimento das atividades esportivas etno-históricas e suas contribuições para a canoagem contemporânea, à canoagem participativa e de competição. Finalmente, são analisadas as barreiras para a prática da canoagem e a necessidade de políticas públicas que visem a sua democratização.

No segundo capítulo, é apresentado o estudo de caso do município de Piracicaba. A partir da sua contextualização, em termos nacionais, com o levantamento da situação dos órgãos que representam a canoagem no país (Federações e Confederações), é analisado o Programa Desporto de Base - PDB de Piracicaba, em especial na modalidade Canoagem, em suas três fases - Iniciação, Aperfeiçoamento e Alto Rendimento e o papel desempenhado pela Associação de Canoagem de Piracicaba - ASCAPI.

A dissertação visa constatar se é possível um trabalho de popularização da canoagem a partir de uma política pública municipal, articulada com os órgãos que a representam em nível nacional (Federações e Confederação) e, se é possível, também, a mediação por Associação local, formada por interessados na área.

## **CAPÍTULO I**

### **A CANOAGEM COMO LAZER E ESPORTE: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA**

*O Brasil é, no mundo,  
o país mais rico em diversidade de estilos,  
feitos e técnicas de construção naval primitiva.*

Amir Klink

Iniciamos nosso estudo com a caracterização histórica do esporte canoagem, destacando as suas funções utilitárias, enfocando o caiaque como um instrumento para a sobrevivência de populações ribeirinhas e lacustres, também utilizado como um brinquedo para o lazer, fornecendo suporte para a "brincadeira canoagem" propiciando divertimento aos praticantes de finais de semana e de competição, chegando ao extremo de "produzir" um atleta que em conjunto com a sua embarcação, deslizam por águas turbulentas ou calmas, em perfeita harmonia, em busca do melhor tempo ou recorde, tão esperado por uma nação.

Abordamos o surgimento da canoagem contemporânea a partir das atividades etno-históricas, focalizando as nuances participativa e de competição propriamente ditas. Finalmente, salientamos as barreiras para a prática da canoagem como esporte e como lazer e a necessidade da efetivação de políticas públicas para o setor.

É comum, em livros ligados à história dos esportes, o estabelecimento dos seguintes pontos fundamentais:

1- A sistematização dos esportes a partir dos jogos.

2 - A sua codificação, na Europa, a partir do século XIX (ARIÉS,1976; HUIZINGA, 1993).

Nesse sentido, Bourdieu (1983) nos apresenta uma visão histórica, em seus estudos, ao afirmar que o crescimento esportivo, principalmente no século XIX, na Inglaterra, deveu-se, fundamentalmente, à formação da Sociedade Moderna Urbana Industrial, em que a prática dos inúmeros jogos, em virtude do seu caráter lúdico, proporcionava o prazer e o divertimento, transformando-se nos esportes, que prevalecem até os dias de hoje, em todo o mundo.

Entretanto, essas afirmações não se aplicam, principalmente, a alguns dos esportes náuticos, sobretudo os ligados às aventuras (COSTA, 2000; MERKLE, 1993).

Diante desse precedente, o meio líquido sempre exerceu um grande fascínio sobre o ser humano. Á água, em especial, tem o sinônimo de vida e de desafios.

Esses desafios podem ser traduzidos na exploração de mares, lagos e rios, em busca da caça e da pesca, visando a sobrevivência. Já a construção e o uso de embarcações foram imprescindíveis, como nos relata Kohnen (1989), pois as canoas sempre fizeram parte da vida e da evolução do ser humano, ou seja, os primeiros relatos do surgimento de uma canoa modelada, toda em prata, foram encontrados às margens do Eufrates, datando, aproximadamente, 4000 a. C.

Dessa forma, essa busca pelo risco e pela aventura em meio aos mares, lagos e rios, foram os grandes incentivos para o surgimento das primeiras embarcações desenvolvidas pelo ser humano.

Entretanto do outro lado do Oceano Atlântico, a Escandinávia, região habitada por tribos autônomas que falavam o nórdico, um dialeto germânico, entre 790 e 1066 d.C., aventureiros originários dessas três regiões escandinavas - atualmente Noruega, Suécia, e Dinamarca - iniciavam suas expedições por entre rios, mares e oceanos. Os dinamarqueses deixaram suas marcas nas ilhas britânicas e nas regiões costeiras da Europa; os suecos através dos grandes rios russos chegaram à Constantinopla e ao Oriente e, por fim, os noruegueses lançaram-se com destemor pelo Oceano Atlântico chegando à América (VESILIND, 2000).

A antiga região escandinava é banhada, principalmente, pelo Oceano Atlântico, e os mares do Norte e Báltico, onde um forte vento alimenta toda a costa marinha. Portanto, não resta dúvida que as embarcações representavam o veículo mais propício para o desenvolvimento das tribos; daí a grande importância da construção de modernas embarcações para a época, pelo fato de navegarem por águas tão instáveis e congelantes.

Para além do Báltico, os *vikings* "suecos", avançaram pelos rios do continente e, muitas vezes, a rota para o Oriente iniciava-se na boca pantanosa do rio Neva, onde se localiza a cidade de São Petersburgo. Mas, os primeiros a desbravarem, além das ilhas escocesas, foram os monges irlandeses, em barcos de casco de pele de foca (VESILIND, 2000).

Assim, durante séculos, os escandinavos aperfeiçoaram barcos a remo nas águas do Báltico, como afirma Vesilind (2000, p. 127):

*Com as velas, os barcos 'vikings' de fundo raso podiam navegar a mais de dez nós e surgir como num passe de mágica num litoral longínquo. Com todos os remos em ação, eles investiam com assombrosa rapidez e adentravam qualquer região banhada por rios. Podiam invadir qualquer praia e eram leves o bastante para serem carregados terra adentro sobre troncos.*

Porém, se avançarmos no tempo, mais exatamente no século XV, época dos grandes descobrimentos marítimos e explorações geográficas, visando interesses econômicos expansionistas ou, simplesmente, concretizando sonhos de conquista, o principal veículo para as tão perigosas explorações era a famosa e conhecida caravela (COSTA, 2000).

Existiam ainda, no século XV, as embarcações de modelo "naus", ou seja, barcos mistos de guerra e transporte; "bergatim", barcos conduzidos por condenados por meio de remos e o "galeão", continuação das antigas galés, entre outros, de extrema importância para a exploração e navegação por entre mares e rios, como descreve Vianna (1966, p. 24):

*[...] já havia a navegação portuguesa ultrapassado os antigos tipos de galeotas de um só mastro, com dezesseis bancos de remeiros, pescadores ou criminosos; e mesmo as galés de dois mastros, com 25 a 30 bancos de remeiros, inclusive cativos, com castelos à proa e à popa, de onde se arremessavam dardos, lanças, setas e material incendiário, nas campanhas navais de então.*

Mais especificamente, na América, um bom exemplo foi o das canoas desenvolvidas pelos povos indígenas que nela habitavam, usufruindo de diferentes formas de construção que, em conjunto com os desenhos existentes nas mesmas, passavam a caracterizar cada tribo (MERKLE, 1993).

Em contrapartida, tão próximo da nossa identidade cultural, temos as canoas utilizadas pelas mais distintas tribos indígenas brasileiras, ou seja, um venerado instrumento utilitário para a sobrevivência (transporte e pesca), veementemente, vinculado às nossas raízes etno-históricas, cedendo espaço para a manifestação da canoagem contemporânea.

Não resta dúvida que o fascínio e as necessidades do ser humano pela aventura de desbravar águas jamais exploradas, ou pelo simples fato de lutar pela

sobrevivência, influenciaram os esportes náuticos contemporâneos como a Vela, o Remo, a Canoagem, entre outros.

Enfim, por meio de pesquisas, mencionadas pela Federação Paulista de Canoagem (FPCa), o caiaque, que resulta na modalidade canoagem, perpetua até hoje como um "brinquedo" para fomento da prática do lazer, veículo de locomoção e subsistência para as populações ribeirinhas e lacustres, ou instrumento de competição para atletas de alta performance. Originou-se no século XVI, com os esquimós que habitavam as regiões da Groenlândia e do Alasca, onde construíam suas embarcações com ossos de baleia, madeira e peles de foca<sup>1</sup>.

Os esquimós aderiram ao caiaque como um veículo, em função das condições geográficas da região utilizando-o, principalmente, para suprir as necessidades de subsistência, como a caça e a pesca, além de desenvolverem a técnica de rolamento, ou seja, virar e desvirar o caiaque, mantendo-se dentro sem precisar sair da embarcação.

Esta técnica persiste até os dias de hoje, independente da manifestação, sendo muito usada pela canoagem de competição, especialmente quando praticada em corredeiras (KOHLEN, 1989).

Nessa mesma época, no século XVI, na América do Norte, precisamente no Canadá, indígenas faziam uso de canoas próprias, construídas com casca de bétula<sup>2</sup>, conduzindo-as pelos mesmos motivos dos esquimós, ou seja, transporte e subsistência, utilizando remos de apenas uma pá e posicionando-se ajoelhados.

Enfim, essas duas embarcações – as canoas de casca de bétula dos índios norte americanos, e o caiaques esquimós – foram as que mais contribuíram para a canoagem praticada nos dias de hoje. Por outro lado, no século XV, o velho mundo, preocupava-se somente com as explorações marítimas e a colonização da América.

O colonizador europeu logo incorporou as canoas de casca de bétula como meio de transporte no continente americano, fato que acabou por salvá-las, mas, infelizmente, ao contrário do ocorrido com seus criadores (MERKLE, 1993).

---

<sup>1</sup> Histórico da canoagem. Disponível em: <<http://www.fpca.esp.br>> - acessado em: 2003.

<sup>2</sup> Árvore encontrada na zona ártica habitada pelos esquimós.

Dentro das mesmas abordagens históricas, Kohnen (1989, p.13) acrescenta:

*Como a cultura européia na época das descobertas e no início da colonização da América parecia estar um tanto esquecidas das canoas, redescobriu-se a partir dos silvícolas da América do Norte. Daí não termos dúvidas quanto à inspiração para os primeiros barcos que marcaram o nascimento da canoagem na Europa.*

Nascimento esse, ocorrido em 1840, com o caiaque e a canoa canadense que chegaram à Europa, pela Inglaterra. Em 1865, John MacGregor, um escocês residente em Londres, mandou construir um barco, batizando-o de *Rob Roy*, e com ele iniciou suas viagens pelo continente europeu. Houve, também, a propagação das canoas e dos caiaques pelo velho continente. A Europa que havia sido o berço das grandes explorações, começava a se adequar às embarcações agora vindas das descobertas do "novo mundo" (KOHNEN, 1989).

Deste ponto em diante a canoagem começou a se proliferar pela Europa, nascendo a canoagem de lazer e, conseqüentemente, as modalidades de competição. Assim, recorreremos novamente a Kohnen (1989) ao retratar a evolução da canoagem como esporte e lazer, as primeiras competições e a fundação de instituições que prevalecem até os dias de hoje regendo a modalidade, tanto em âmbito internacional como em nosso próprio país.

1723 - Existência de barcos desmontáveis, construídos com ripas de madeira e tecido, cujo canoístas denominados de *Wassernarrem* (aqualoucos), se divertiam nos rios da Saxônia.

1866 - Fundação do primeiro clube de canoagem - *Royal Canoe Club*, fazendo com que o esporte se expandisse para o continente.

1867 - Fundação da primeira associação de canoagem e a realização da primeira competição, ambas na Inglaterra.

1876 - Primeira corrida de caiaque, que consta nos registros.

1907 - Heurich vendeu a idéia dos caiaques desmontáveis para J. Klepper, que, por meio de seus caiaques, já conhecidos no mundo todo, levou a canoagem ao início da sua universalização. Nos Estados Unidos, a canoagem desenvolveu-se

igualmente, ainda que a preferência tenha se consolidado pelas canoas canadenses, cujos modelos já eram utilizados pelas tribos indígenas que habitavam o continente americano.

1923 - Realização dos Jogos Esportivos de Gotemburgo, que promoveu um intercâmbio entre os países europeus levando, seis meses mais tarde, à fundação de uma Entidade Internacional de Canoagem. Cabe ressaltar que antes da realização desses jogos, a canoagem se desenvolvia de maneira isolada, ou por iniciativas particulares.

1924 (19 de janeiro) - Fundação da *Internationella Representantskapet för Kanotidrott* (IRK), em Copenhagen (Dinamarca) tendo como países fundadores a própria Dinamarca, a Alemanha, a Áustria e a Suécia. Nos dez anos seguintes houve a adesão de mais catorze países. Na década de 1920, competições de “descida em corredeiras” tornaram-se comuns na Europa, no entanto, somente as modalidades “velocidade” e “vela” haviam sido regulamentadas.

1927 - Pela primeira vez, um europeu, E. Pawlata, executa a manobra rolamento.

1928 - Franz Romer atravessa, pela primeira vez, o Oceano Atlântico no hemisfério norte, em um caiaque de madeira e lona. A façanha foi repetida por Hannes Lindemann, em 1956, num Klepper duplo desmontável.

1932 - Realizada na Suíça a primeira prova de canoagem, modalidade “slalom” (descidas em trechos curtos de corredeiras transpondo obstáculos artificiais, mais conhecidos como portas).

1933 - Primeira prova Internacional oficial de *slalom* - Suíça.

1936 - Inclusão da modalidade “velocidade” nos Jogos Olímpicos de Berlim - Alemanha.

1946 - Refundação da IRK, com exclusão da Alemanha, em função da Segunda Guerra Mundial. O órgão de representação internacional da canoagem passou a se chamar International Canoe Federation - ICF.

1959 - Primeira competição oficial em corredeiras, na França. Na década de 50, o emprego da fibra de vidro, como matéria-prima na construção de barcos, veio a expandir a prática da canoagem, principalmente em corredeiras.

1972 - A modalidade *slalom* é incluída nos Jogos Olímpicos de Munique, como demonstração.

1978 - Reconhecimento internacional da modalidade "maratona".

Contudo, cento e sete entidades de todos os continentes são filiadas à Federação Internacional de Canoagem (ICF), incluindo o Brasil; no entanto, novos membros podem vir a vincular-se à Federação Internacional (FELDHOFF, 1999).

No Brasil, a canoagem contemporânea contou com a forte influência européia, principalmente com imigrantes alemães, na cidade de Estrela - RS, onde as primeiras remadas já ocorriam desde a década de 1940. Entre esses imigrantes germanos, um destacava-se: o canoísta José Wingen que desenvolvia suas próprias embarcações para serem navegadas nas águas do rio Taquari.

Segundo o próprio Wingen a falta de estrutura, organização e, posteriormente, o advento da represa de Bom Retiro foram as principais causas para a descontinuidade da canoagem no Brasil, voltando a ganhar espaço, trinta anos mais tarde, nos Estados do Rio de Janeiro (pioneiro no resgate da canoagem como modalidade esportiva e de lazer), São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Bahia, Goiás, entre outros<sup>3</sup>.

Portanto, na década de 1970, o carioca Leopoldo Ávila manteve contato com o inglês Alan Bye, autor de vários livros sobre canoagem em âmbito internacional, conseguindo trazê-lo, em 1979, para ministrar palestras e cursos sobre a "nova" modalidade no Brasil.

Concomitantemente, Uwe Peter Kohnen funda em 16 de novembro de 1980, a Associação Carioca de Canoagem, da qual foi o primeiro presidente (KOHNEN, 1989).

---

<sup>3</sup> Histórico da canoagem. Disponível em: <<http://www.fpca.esp.br>> - acessado em: 2003.

Devido a forte contribuição europeia e a instituição dos primeiros órgãos administrativos, a canoagem, como modalidade esportiva e de lazer, começou a se proliferar pelo país, marcando datas importantes ao longo dessas décadas, como demonstra Kohnen (1989) e abaixo relatamos:

1981 - Primeiros cursos de canoagem com Oliver Harding, instrutor da British Canoe Union (B.C.U.).

1981 (9 de agosto) - Primeiro evento de canoagem no Rio Preto, em Petrópolis.

1982 (9 de abril) - 1º Encontro Nacional de Canoagem - Visconde de Mauá - Rio de Janeiro.

1984 (19 de fevereiro) - 1ª Prova Oficial de Canoagem, modalidade “descida”, no Rio Preto em Visconde de Mauá - RJ.

1984 (20 de outubro) – 1ª Prova Oficial de Velocidade - Lagoa Rodrigo de Freitas - RJ

1984 - Ingresso do Brasil na Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.).

1985 (3 de abril) - Ingresso do Brasil no Conselho Sul-americano de Canoas.

1985 (3 de maio) - Fundação da A.B.C - Associação Brasileira de Canoagem, durante a primeira Volta da Ilha de Vitória - ES, com a presença dos Estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, sendo eleito presidente o Sr. Uwe Peter Kohnen.

1988 (2 de maio) - Foi eleita e empossada a 2ª diretoria da A.B.C, tendo como presidente o Sr. João Tomasini Schwertner.

1989 (18 de março) - É fundada a Confederação Brasileira de Canoagem - CBCa<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Além de Kohnen (1989), após 1998, recorreremos à história complementada no site [www.cbca.org.br](http://www.cbca.org.br). - acessado em 2003.

1992 - O atleta gaúcho, Gustavo Selbach, conquista a medalha de bronze no Campeonato Mundial de *Slalom*, na Noruega.

1996 - Olimpíada de Atlanta, em que o atleta Sebastian Cuatrin, conquista o oitavo lugar na modalidade “velocidade”, categoria K1 mil metros, sendo o único americano nas finais masculinas de caiaque.

1996 - O Estado do Paraná inclui a Canoagem, modalidade *slalom*, “maratona” e *rafting* nos Jogos Mundiais da Natureza, projetando uma pista artificial de slalom, em Foz do Iguaçu.

1996 (22 de novembro) - No XXVI Congresso da FIC, o Brasil conquista a realização dos Mundiais de Caiaque-pólo (2000), tendo com sede a cidade de São Paulo. Já o Mundial de velocidade, categoria Júnior (2001), na cidade paranaense de Curitiba.

1997 - A canoagem brasileira realiza, pela primeira vez, um campeonato mundial de *slalom*, na cidade gaúcha de Três Coroas. Nesse mesmo ano o Brasil conquista a realização do Mundial de *Wave Ski*, elegendo o Sr. Mário Silveira de Souza como Vice- presidente da entidade.

Como podemos perceber, esse fascínio envolvente vinculado à necessidade da navegação, independente da sua natureza (exploração, subsistência, locomoção, etc...) resultou na prática da modalidade, conhecida atualmente como canoagem.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que estas embarcações e a maneira como conduzi-las originou, durante todos estes séculos, um processo evolutivo em virtude do desenvolvimento da tecnologia e das significantes

influências de diversas áreas, como a engenharia, a educação física, a biologia, entre outras.

As embarcações e as técnicas para o seu uso foram se desenvolvendo à medida em que ocorreu o processo histórico de transformação do meio natural ao meio técnico-científico e informacional, revelando a substituição do natural pelo artificial, em diversificadas etapas interrelacionadas, as quais se iniciam pela

conquista da matéria e do espaço (meio natural), passando pelas administrações e o comércio que dominam o urbanismo (tecnicidade científica informacional), adentrando em pleno século XXI, era da Revolução Informática e Genética (SANTOS, 1996).

Merkle (1993, p.1) define canoagem de uma maneira simplificada e popular, como o simples ato ou ação de andar de canoa. Apresenta, a seguinte analogia:

*Para que os menos afeitos às atividades náuticas compreendam o que é canoagem, podemos compará-la ao ciclismo, apenas trocando a bicicleta pela canoa. Tanto uma quanto a outra são meios de transporte pequenos, econômicos que funcionam muito bem. Em ambos pode-se passear, viajar, brincar, manter a forma e a saúde em dia, competir em inúmeras modalidades diferentes ou utilizá-la utilitariamente para trabalhar, ir à escola etc...*

Dessa forma, a canoagem poderá ser um instrumento útil para a sobrevivência das populações ribeirinhas (canoagem utilitária), ou, funcionar como brinquedo que propicia divertimento, prazer, e turismo aos praticantes de finais de semana (canoagem lazer), até mesmo chegando ao extremo de estimular um atleta e uma embarcação a uma competição (canoagem competição).

Entretanto, com o decorrer dos anos a canoagem passou a congrega diversas modalidades, tanto no meio competitivo como no de lazer. Isto ocorre em virtude de cada modalidade necessitar de uma embarcação com características próprias, variando desde a sua hidrodinâmica, sendo regida por regulamentos distintos, como também se diferenciando em relação ao ambiente a ser praticada. Portanto, no Brasil encontramos dez modalidades, regidas pela Confederação Brasileira de Canoagem<sup>5</sup>. São elas: Velocidade, *Slalom*, Adaptada, Descida, Oceânica, Onda, Caiaque-pólo, Maratona, *Rafting*, *Rodeo* ou Estilo Livre.

---

<sup>5</sup> Regulamentos da modalidades. Disponível em <http://www.cbca.org.br> - acessado em: 2003.

### I - Velocidade



Foto 1: Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) - Canoa Dupla<sup>6</sup>

É praticada em rios ou lagos com águas calmas, e o canoísta deve percorrer, em competições oficiais, distâncias de 200m, 500m e 1000m, em duas categorias de embarcações, sendo uma delas denominada de caiaque.

No caiaque, o canoísta posiciona-se sentado na embarcação e a impulsiona com um remo contendo duas pás; já na canoa, o canoísta posiciona-se ajoelhado impulsionando-a com um remo de apenas uma pá.

Tanto no caiaque como na canoa existem embarcações para serem conduzidas individualmente, em dupla ou até em quatro canoístas, no entanto, para ser considerado um evento oficialmente reconhecido pela Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.) somente homens podem competir em canoas.

As principais características das embarcações são:

<b>Quadro 1 – VELOCIDADE</b>				
	<b>Embarcação</b>	<b>Tipo</b>	<b>Comprimento Máximo</b>	<b>Peso Mínimo</b>
K1	Caiaque	Individual	5,20m	12 Kg
K2	Caiaque	Duplo	6,50m	18 Kg
K4	Caiaque	4 canoístas	11m	30 Kg

<sup>6</sup> Foto 1 de: Javier Soriano

C1	Canoa	Individual	5,20m	16 Kg
C2	Canoa	Dupla	6.50m	20 Kg
C4	Canoa	4 canoístas	11m	30 Kg

## II - Slalom

Modalidade praticada em rios movidos por corredeiras, tendo como principal objetivo transpor obstáculos naturais: pedras, refluxos, desníveis, ondas... dificultada por um número variável de 18 a 24 portas de dois metros (duas balizas suspensas por cabos formam uma porta), que devem ser transpostas em sentidos opostos:



**Foto 2: Atletas Piracicabanos na Copa Brasil em Três Coroas - RS/2003<sup>7</sup>**

- verdes e brancas a passagem deve ser executada a favor da correnteza;
- vermelhas e brancas no sentido contra correnteza, acrescido de duas descidas, havendo somatória dos tempos e das penalidades (caso o atleta esbarre em alguma baliza acrescenta dois segundos no seu tempo final, caso não passe pela mesma ocorrerá um acréscimo de 50 segundos) num trecho de 250m a 500m, em quatro categorias distintas:

<sup>7</sup> Foto 2: <http://www.inema.com.br>

- Caiaque Masculino (K1M).
- Caiaque Feminino (K1W).
- Canoa Canadense (C1).
- Canoa Canadense Dupla (C2).

<b>Quadro 2 – SLALOM</b>					
	<b>Embarcação</b>	<b>Tipo</b>	<b>Comprimento Mínimo</b>	<b>Largura Mínima no casco</b>	<b>Peso Mínimo</b>
K1	Caiaque	Individual	4,00m	60cm	9 Kg
C1	Canoa	Individual	4,00m	70cm	10 Kg
C2	Canoa	Dupla	4,58m	80cm	15 Kg

### III - Canoagem adaptada

A prática da canoagem adaptada é vinculada a pessoas portadoras de necessidades especiais (deficiência física, auditiva, mental e visual).

Esta modalidade pode ou não usar de equipamentos extras, que auxiliem o praticante na condução da embarcação. Tais adaptações podem ser nos barcos ou externas.



**Foto 3: Evento de Canoagem Adaptada<sup>8</sup>**

Esta modalidade é recente no Brasil, adquirindo um maior respaldo por parte da CBCa no final da década de 1990.

#### IV- Descida



**Foto 4: Modalidade Canoa Individual<sup>9</sup>**

A modalidade descida é exclusivamente praticada em rios com corredeiras, onde o canoísta deve demonstrar o controle sobre seu barco, num percurso pré-definido, tentando realizá-lo no menor tempo possível.

As classes de embarcações são padronizadas pelas regras da Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.) de acordo com os seguintes padrões:

---

<sup>8</sup> Foto 3: <http://www.cbca.org.br>

<sup>9</sup> Foto 4 de: Raymond Kamber

<b>Quadro 3 – DESCIDA</b>					
	<b>Embarcação</b>	<b>Tipo</b>	<b>Comprimento Máximo</b>	<b>Largura Mínima no casco</b>	<b>Peso Mínimo</b>
K1	Caiaque	Individual	4,50m	60cm	11 Kg
C1	Canoa	Individual	4,30m	70cm	12 Kg
C2	Canoa	Dupla	5,00m	80cm	18 Kg

Como na canoagem de velocidade, os caiaques na modalidade “descida”, são conduzidos com um remo contendo duas pás, sendo que o canoísta posiciona-se sentado na embarcação, e nas canoas o praticante situa-se ajoelhado impulsionando a embarcação com um remo de apenas uma pá. Em provas oficiais praticantes do gênero feminino somente competem na categoria caiaque. V - Canoagem Oceânica

A modalidade oceânica é praticada em águas marinhas. Em competições oficiais é necessário fazer um percurso completamente navegável, numa distância superior a 10 Km, previamente definido em carta náutica, no menor tempo possível.

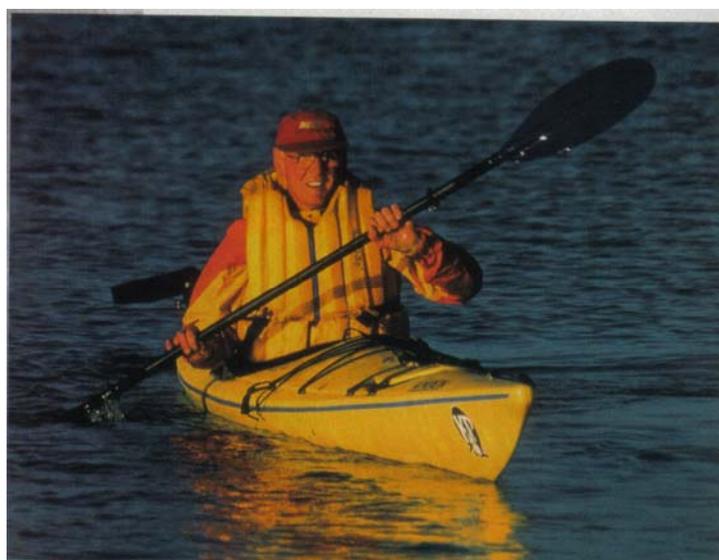


Foto 5: Caiaque Individual Oceânico<sup>10</sup>

Os caiaques são divididos nas seguintes classes:

<b>Quadro 4 - CANOAGEM OCEÂNICA</b>					
	<b>Embarcação</b>	<b>Comprimento Mínimo</b>	<b>Comprimento Máximo</b>	<b>Largura Mínima</b>	<b>Peso Mínimo</b>
I	Caiaque	4,60m		55cm	14 Kg
II	Caiaque	4,30m	4,59m	55cm	14 Kg
III	Caiaque	4,00m	4,29m	55cm	14 Kg

VI - Canoagem em onda

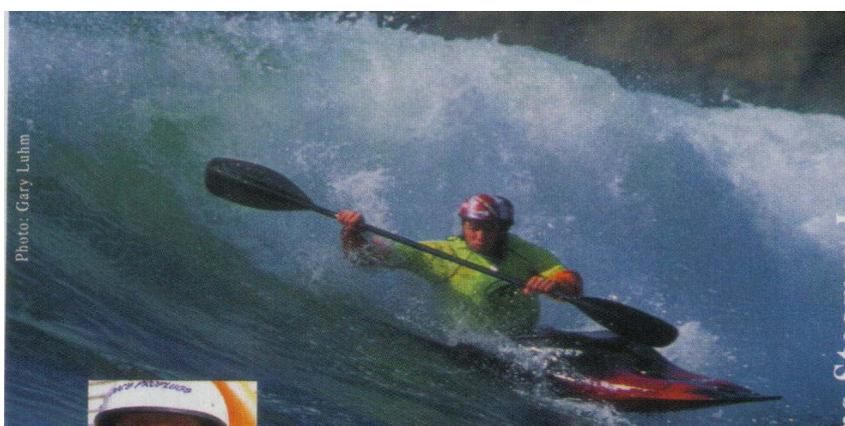


Foto 6: Caiaque Surf<sup>11</sup>



Foto 7: Classe Waveski<sup>12</sup>

<sup>10</sup> Foto 5: Revista *Padler* (2003).

<sup>11</sup> Foto 6: Gary Luhm

No Brasil a canoagem em onda se divide em duas classes:

- Caiaque Surfe e
- *Waveski*.

No caiaque surfe o praticante desliza pelas ondas utilizando um caiaque menor para facilitar a execução das manobras, apropriando-se de um equipamento denominado de “saia de vedação”, que é fixado no entrada do caiaque (anel ou *cock pit*), impedindo que infiltre uma grande quantidade de água e dificulte a sua locomoção.

A diferença para a classe *Waveski* é simplesmente no modelo da embarcação, sendo o caiaque construído sob medida para cada atleta, no formato de uma prancha (como no surfe).

### VII - Caiaque – pólo



**Foto 8: Partida Oficial de Caiaque-Pólo<sup>13</sup>**

---

<sup>12</sup> Foto 7: <<http://www.cbca.org.br>>

<sup>13</sup> Foto 8: <<http://www.cbca.org.br>>

É uma modalidade na qual dois times compostos por cinco canoístas em cada time (acrescido de mais três reservas) disputam, numa piscina com extensão mínima de 25 metros e máxima de 50 metros, um jogo semelhante ao pólo-aquático acrescido dos caiaques, tendo como principal objetivo marcar gols na goleira do adversário.

A grande diferença do pólo-aquático, além dos caiaques que devem medir no máximo 3m de comprimento, é à disposição das goleiras que se encontram suspensas tendo a parte inferior interna há dois metros da água, obrigando o goleiro a defender os arremessos ao gol com a pá de seu remo; os jogadores também podem dominar a bola, tanto com remo como com as mãos, podendo permanecer apenas cinco segundos com a posse da mesma. A bola a ser utilizada é a mesma do pólo-aquático.

Esta modalidade teve início há aproximadamente 30 anos na Inglaterra, quando praticantes da canoagem de descida de rios e da modalidade *slalom*, começaram a treinar em piscinas, durante o inverno, ou nas épocas de grandes estiagens, ocasionando a diminuição da vazão dos rios, tornando-os impraticáveis para a canoagem.

Para aprimorar os treinamentos e dinamizar a ludicidade, foram criados pequenos jogos introduzindo uma bola; daí em diante o esporte evoluiu, suas regras foram oficializadas pela Federação Internacional de Canoagem, ultrapassou fronteiras difundindo-se primeiramente por toda Europa e, posteriormente, pelos cinco continentes, inclusive no Brasil.

No nosso país o caiaque pólo chegou em 1994, após o primeiro campeonato mundial sediado na cidade inglesa de Sheffield. O número de adeptos da canoagem brasileira, aumentou, principalmente, pela fácil disposição espacial para a prática do caiaque pólo, sendo necessário uma piscina. Conquistou, também participantes em cidades que não disponibilizam, muitas vezes, de locais próprios para a prática da canoagem no meio natural como rios, lagos e mares.

### VIII - Maratona

Em provas oficiais da modalidade “maratona”, o competidor percorre uma distância longa, designada sem padrões prescritos. O percurso pode ser praticado em rios, lagos, estuários ou mar aberto, alternando trechos sem obstáculos ou interrupções com trajetos servidos de obstáculos como represas, águas rasas obrigando o canoísta a carregar o seu barco por terra ou não.

As classes das embarcações são semelhantes as da modalidade “velocidade”, havendo uma classe mista composta por uma integrante feminina e um integrante masculino na embarcação caiaque duplo, sendo que as embarcações são mais leves, conforme mostra o quadro 5.

<b>Quadro 5 – MARATONA</b>				
	<b>Embarcação</b>	<b>Tipo</b>	<b>Comprimento Máximo</b>	<b>Peso Mínimo</b>
K1	Caiaque	Individual	5,20m	8 Kg
K2	Caiaque	Duplo	6,50m	12 Kg
K4	Caiaque	4 canoístas	11m	30 Kg
C1	Canoa	Individual	5,20m	10 Kg
C2	Canoa	Dupla	6.50m	14 Kg



Foto 9: Competição com trajeto servido de obstáculos: Transição feita por terra.<sup>14</sup>

### *IX - Rafting.*

Esta modalidade é considerada uma das mais coletivas da canoagem, pois consiste em conduzir um bote inflável desbravando corredeiras - mais conhecido como *rafting*- incluindo 4, 6 ou até 8 praticantes.

É uma modalidade que vem fortificando cada vez mais sua propagação, devido à oferta de passeios turísticos. Recebe uma grande clientela de pessoas que procuram lazer, diversão e aventura, em meio à natureza.



Foto 10: Campeonato Brasileiro - Rio das Antas/RGS/ Junho 2003<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Foto 9: <http://www.cbca.org.br>

Em contrapartida, o *rafting* vem se estruturando e já realiza eventos internacionais de caráter competitivo, congregando praticantes de todo o mundo, inclusive equipes brasileiras de elevado nível técnico.

### X - Estilo livre ou "rodeo"

Esta modalidade é considerada uma das mais espetaculares da canoagem, pelo fato do canoísta executar manobras em ondas e refluxos formados em rios de corredeiras, utilizando um caiaque com menores proporções, medindo aproximadamente 2 metros.

Numa competição o vencedor é aquele que consegue um maior somatório de pontos atribuídos pelos juízes, relevando o grau de dificuldade das manobras e as suas variações, dentro de um tempo determinado.

Devido ao constante crescimento que o *rodeo* vem conquistando no Brasil, embora tenha sido instituída apenas em meados de 2002, a modalidade passou a ser reconhecida oficialmente pela Confederação Brasileira de Canoagem em 2004. Os eventos e circuitos específicos da modalidade passaram a integrar o calendário desse mesmo ano, da Confederação Brasileira de Canoagem.



**Foto 11: Atleta Piracicabano no Campeonato Brasileiro de Rodeo - Pirajú -SP/2003<sup>16</sup>**

Entre todas as modalidades apresentadas, somente duas são consideradas olímpicas, a “Velocidade”, que teve sua estréia em 1936 nos Jogos Olímpicos de Berlim, e o *Slalom* que, nos Jogos Olímpicos de Munique em 1972 fez sua estréia como demonstração, retornando somente vinte anos mais tarde nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, como modalidade oficial. Em contrapartida a canoagem adaptada ainda não integra o ciclo dos esportes paraolímpicos, diferente da modalidade vela, que passou a integrar esse ciclo em 2000 nos Jogos Olímpicos de Sidney<sup>17</sup>.

Convém lembrar que a possibilidade de surgimento de novas especialidades, vinculada à canoagem, pode ocorrer a qualquer momento, independente de sua realização em âmbito nacional ou internacional (KOHLEN, 1989).

Enfim, de acordo com as funções atribuídas à embarcação denominada de caiaque, suas condições de manifestação são claras; seja como meio esportivo congregando dez modalidades, de recreação/participação ou utilitário, a atividade canoagem apresenta diferenciadas formas de manifestação, sendo essas inseridas, tradicionalmente na cultura brasileira, outrora pelas tribos indígenas, perpetuando-se até os dias de hoje.

Esta inserção cultural é tão significativa, que o art. 217 da Constituição Federal Brasileira, de 1988, oficializa que “é dever do Estado proteger, resgatar, registrar e divulgar as manifestações culturais de caráter esportivo que se vinculem às nossas raízes etno-históricas”.

Infelizmente, essas manifestações culturais de caráter esportivo, principalmente asseguradas pela legislação brasileira, são usufruídas somente pelo conteúdo físico-esportivo para a sua divulgação, desprezando nossas raízes etno-históricas contribuindo, negativamente, para a não democratização desse conteúdo cultural.

---

<sup>16</sup> Foto 11: Ivan Moretti

<sup>17</sup> Jogos paraolímpicos. Disponível em: <http://www.paraolimpiadas.com.br>. Acessado em: 2004

Entre muitas analogias nesse sentido, que podem ser estabelecidas com o Brasil, podemos citar as conhecidas e tradicionais canoas havaianas, embarcações presentes na famosa ilha do pacífico que, além de modalidade esportiva, atualmente, retratam a cultura de um povo que delas se utiliza como meio de subsistência, transporte, eventos turísticos etc.

Apesar destas relevantes contribuições históricas, direcionamos nosso estudo para a canoagem contemporânea, abordando-a, num primeiro momento, dentro das principais relações entre o lazer, o lúdico, o jogo e o esporte, em conjunto com as crescentes manifestações das atividades de aventura.

Num segundo momento, ressaltamos a canoagem no ambiente competitivo, participativo e de lazer, observando os fatores que contribuem para a sua elitização.

### **1.1. A manifestação da canoagem no lazer: a superação do desafio - Ser Humano X Natureza.**

A busca pela aventura expressa-se no final do século XX e início do século XXI de uma maneira simbólica, representada por atividades que se vinculam ao radicalismo, em que as mais variadas modalidades náuticas como o remo, a vela, a canoagem, entre outros, exprimem sensações de desafios na superação dos próprios limites humanos, interagem com a natureza, exigindo total interação entre praticante e espaço a ser praticado (COSTA, 2000).

Para que possamos entender a proliferação dessas atividades náuticas, e em especial a canoagem, por meio da vivência do lazer, é de extrema importância compreendermos os conteúdos referentes ao próprio lazer, a conceituação de jogo, o ambiente lúdico presente (espaço da natureza), oferecido para a sua prática e a relação com as atividades de aventura na sociedade pós-industrial.

Nela ocorre a substituição do natural pelo artificial; há um crescimento desordenado das cidades, o tempo é o mecânico, o valor maior é o da produtividade e o lazer tem baixa ressonância social, apesar de ser um dos seus valores mais exaltados (MAGNANI, 1984).

De acordo com esta abordagem da sociedade pós-industrial, temos o lazer como um dos seus frutos (BÉTRAN, 2003). No entanto, para que não nos prendamos a definições estanques, que fiquem restritas a visões muito particularizadas, adotamos o conceito operacional formulado por Marcellino (2000, p.1) que entende lazer, historicamente situado, de uma forma mais ampla e abrangente, dentro de dois aspectos principais: tempo e atitude, sendo caracterizado como:

*Cultura entendida no seu sentido mais amplo, vivenciada, consumida, ou conhecida no tempo disponível , que requer determinadas características como a livre adesão e o prazer, propiciando condições de descanso, divertimento e desenvolvimento tanto pessoal quanto social.*

Entendendo cultura a partir de uma concepção antropológica, o autor enfoca o lazer com características específicas de tempo e atitude; abre perspectivas de conteúdo também amplas, recorrendo ao sociólogo francês Joffre Dumazedier (1980), quando classifica o conteúdo cultural partindo do interesse dos sujeitos envolvidos, em termos de predominância.

Concordamos com Marcellino (1983) no que diz respeito ao conteúdo, quando encontramos, praticamente, uma classificação por autor que se dedica a examinar a matéria; algumas abordagens mais completas que as outras, mas todas passíveis de deixar conteúdos sem categorias, ou de determinar categorias diversas no qual um mesmo conteúdo pode ser inserido. São tipologias – como toda tipologia – tão mais artificiais quanto mais abrangente e interligado for o objeto de classificação.

Segundo Dumazedier (1980, p. 110), a classificação dos conteúdos culturais deverá basear-se na distinção entre os interesses verificados no lazer, ou seja, nas aspirações que predominam nas diversas áreas de atividade. O interesse deve ser entendido com: *o conhecimento que está enraizado na sensibilidade, na cultura vivida.*

O mesmo autor distingue, ainda, cinco áreas de interesses: artísticos, intelectuais, manuais, sociais e físicos.

Camargo (1986), acrescenta a esses cinco conteúdos, os interesses turísticos.

Portanto, o nosso foco de estudo resume-se na canoagem classificada como uma atividade de caráter físico-esportivo no âmbito do lazer, sendo portanto esta realizada no tempo disponível dos seus praticantes, quer eles queiram desfrutar apenas de uma atividade física esporádica, ou sigam regularmente aulas para aprimoramento de tal modalidade, desde que lhes forneça satisfação e prazer.

Ainda em relação à dimensão dos gêneros, os principais apontados por Dumazedier (1980) são: o prático, o conhecimento e a fruição ou assistência propiciada pelo consumo a um espetáculo.

As questões supracitadas são analisadas por Marcellino (1983), retomadas por ele mesmo em (2000) quando afirma que, em si mesma, uma atividade de lazer não é ativa ou passiva, e que independe da prática ou da assistência, mas sim, no nível de envolvimento em que é desenvolvida. Níveis esses, que Dumazedier (1980), classifica em: elementar, caracterizado pelo conformismo; médio, marcado pela criticidade, e superior, que é fundado na criatividade.

Analisando a interligação entre as seis áreas fundamentais, abrangendo os interesses artísticos, os intelectuais, os físico-esportivos, os manuais, os turísticos e os sociais, Marcellino (1983) conclui que a distinção só pode ser estabelecida em termos de predominância e representando escolhas subjetivas, evidenciando uma das características de atividades de lazer, ou seja, a escolha individual.

E nem poderia ser de outra forma, pois os interesses compõem um todo interligado e não formado por partes estanques. A distinção é feita apenas para efeito de análise ou de planejamento.

Dentre essas manifestações, na interface entre os interesses físico-esportivos e os interesses turísticos, incluem-se as diferentes atividades que promovem as sensações de radicalismo e desafios, ou seja, os esportes de aventura entendidos de modo amplo, embora o nosso foco de estudo esteja restrito à

canoagem. Esta modalidade, pode ser classificada como um esporte náutico da natureza, em função do espaço em que é praticada, e não deixa de promover também a radicalidade.

Este fato acabou por ser resgatado pelas crescentes atividades de aventura que devolvem, restauram e recriam as sensações de risco, envolvendo aprendizado em meio à natureza, tendo como principais focos o divertimento, a recreação e o entretenimento, propiciados pelo lazer (DUMAZEDIER, 1973).

No final do século XX, ocorreu um notável crescimento das atividades ecoturísticas em território nacional, devido ao efeito reflexo que se estabeleceu, em contrapartida à urbanização, ou seja, simplesmente a procura pelo novo, do desconhecido, da vivência do retorno às "fontes" naturais.

Atualmente, vivemos em uma sociedade na qual impera o sistema produtivo, havendo um exacerbado crescimento e uma "super valorização" do espaço urbano; no geral, a produção individual passa a ditar as regras da sobrevivência de cada indivíduo, incentivadas pela desenfreada expansão da globalização, caracterizando, enfim, o mundo que se convencionou chamar de pós-moderno.

Como uma espécie de reação de volta ao "natural", portanto, a procura por essas práticas corporais de aventura se propagou, recebendo diversos nomes genéricos e respectivas justificativas. Entre muitos apontados por Bétran (2003), iremos nos apropriar de apenas um: "Esportes de Aventura".

Esses esportes de aventura caracterizados pelo autor, expressam as incertezas geradas pelo praticante, referenciando o risco calculado, contrapondo-se à tendência dos esportes tradicionais, que permitem o reconhecimento do espaço em que se irá praticar tal atividade.

Enfim, esse crescente apego e carência em geral, da sociedade urbana pós-industrial pelo contato com o meio natural, alavancado pelas crescentes manifestações das atividades de aventura, está provocando uma reaproximação entre ser humano e natureza, estabelecendo, assim, uma manifestação corporal para suprir tal carência.

Porém, a devastação referente ao espaço natural é real e avassaladora. De acordo com esses aspectos, crises assolam desde os microssistemas até os macrossistemas, como as imensas hidroelétricas, o crescimento e a degradação ambiental promovidos pelos grandes centros urbanos, estabelecendo-se inevitavelmente relações predatórias do ser humano para com o meio ambiente. Assim, nesse período pós-moderno, enfrentamos o dilema da sobrevivência e a estabilização do planeta e dos seres vivos que o integram.

Por essa razão, uma grande parcela dos seres humanos, residentes nos centros urbanos, estão cada vez mais afastados do contato direto com o ambiente natural. Em contrapartida, são carregados pela "onda" da preservação ecológica que começou a se manifestar em meados da década de 90, em conjunto com o surgimento de inúmeras agências de ecoturismo e turismo de aventura tornando-as muito fortes, sendo fundamental para a expansão e proliferação das modalidades de aventura por todo o país.

Entre as diversas práticas corporais de aventura que incorporam o rol das empresas especializadas nessas atividades e que exploram os três planos físicos: Terra, Água e Ar, como principal palco para que a aventura possa se processar, destacamos algumas, cuja demanda acaba sendo maior por adquirirem um caráter mais popular e tradicional entre os turistas que o procuram.

Encontramos, portanto: - o "boiacross", uma atividade que começou como uma brincadeira de criança e se tornou uma atividade radical; se caracteriza em descer em cima de uma bóia, rios de preferência com corredeiras; - as técnicas de rapel na qual são executadas descidas de paredões, abismos e cachoeiras, clipado em cordas; - o paraquedismo que, a princípio, foi muito utilizado para atividades militares, passando a despontar na década de 70 como modalidade de caráter radical; - a canoagem, nosso foco principal de estudo, que por sua vez, em muitas ocasiões passa a ser representada pelas descidas de botes infláveis, relacionando os conceitos de canoagem, já propostos por Merkle (1993), mais conhecidas como *rafting*<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Esportes Radicais. Disponível em: <[http:// www.ericais.com.br](http://www.ericais.com.br)> - acessado em: 2003.

Essa atividade conhecida popularmente como *RAFTING* (nome de origem inglesa que significa balsa, incorporado em nosso vocabulário), teve início em 1869, com exploradores no *Grand Canyon*, pelo Rio Colorado. Após a 2ª Guerra Mundial, difundiu-se com aventureiros por toda a América do Norte, que passaram a ensaiar as primeiras remadas atraindo turistas que pagavam para desbravarem corredeiras, por meio de um passeio aventureiro, surgindo assim, as primeiras atividades ecoturísticas.

No Brasil o *Rafting* aportou somente em 1982, com o inglês Jonny Kempler, no interior do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no município de Três Rios, no qual deságua o rio Paraibuna, com excelentes corredeiras entre muita vegetação nativa. Esta modalidade da canoagem, implantada primeiramente no Estado do Rio de Janeiro, foi uma das atividades de aventura que se manifestou por todo o Brasil, segundo dados obtidos na Revista Néz (2000).

Assim, os mais novos "desbravadores canoístas" procuram se aventurar, pela livre e espontânea vontade, nos mais diferenciados ambientes, em busca da própria superação, sendo que a motivação está aplacada, inteiramente, no desafio, onde o ambiente para a prática torna-se o palco da aventura.

Mas, para que haja um convívio harmonioso entre Ser humano X Natureza, esse cenário de aventura, deve exprimir sua própria realidade ambiental, ao invés de provocar uma "desterritorialização", como aponta Marinho (2003) ao alertar que em muitos casos, aspectos dos padrões urbanos são levados e inseridos no meio natural, fazendo com que a natureza seja rotulada como um mito, ou seja, uma espécie de modismo que trata os obstáculos naturais (rios, cachoeiras, montanhas etc...), como desafios utópicos a serem superados, promovendo um radicalismo irreal.

No entanto, contraditoriamente, acaba por afastar, na maioria das vezes, os aventureiros do seu maior desafio, a simples vivência da natureza, não deixando que os mesmos se defrontem com o nativo, o inesperado, mas que sigam normas e condutas de regulamentação, que se transformam em empecilhos mais difíceis de serem vencidos do que os próprios obstáculos naturais, não promovendo a livre adesão e uma relação harmônica entre ser humano e natureza.

A colocação de Marinho (2003) serve para denunciar a posição de algumas empresas que se dizem "especializadas" em ecoturismo. Tais empresas acabam impondo, durante suas atuações com as atividades de aventura, conceitos semelhantes aos *city tours*, muito utilizados nos passeios turísticos tradicionais, ou seja, ao invés de proporcionarem a vivência e a essência que o local tem a oferecer (como um banho de cachoeira, ou se aventurar por mais de uma vez na escalada, descer uma corredeira a nado, desde que as mesmas não ofereçam riscos não calculados), estes privilegiados ambientes naturais, passam, simplesmente, a serem meramente observados, seja a bordo de uma embarcação ou até mesmo em uma caminhada, quando muito, sendo restituídos aos turistas, por meio de fotos e filmagens, que não mais expressam a "vida" que o local tem a exprimir, quando muito resgatando-o por um mero registro.

O lazer, nessas circunstâncias, passa a atrelar valores marcados definitivamente pelo "consumismo", sendo encarado como uma simples mercadoria, levando em conta somente os interesses de mercado; não possibilitando a tão almejada aproximação entre os praticantes e o meio (MARINHO, 2003).

Assim, Marinho (2003, p. 25) acreditam que: "... o ecoturismo não deve ser entendido apenas como mais uma forma de consumismo, por meio da qual os turistas legitimam seus atos de consumo..."

A mesma autora acrescenta que:

*[...] pode, por um lado, ser concebido como um espaço para a produção de tais significações esvaziadas, mas, por outro, também contém momentos nos quais algumas normas podem ser transgredidas. Essa transgressão se dá particularmente, por intermédio dos corpos, ao longo de suas atividades de aventura, pois, nelas, eles vivem além do limite estabelecido entre o possível e o impossível, manifestando formas lúdicas de resistência, instaurando, de certa forma, um novo modelo cultural e esportivo (MARINHO, 2003, p. 26).*

Entendemos, portanto, que essas atividades ecoturísticas de aventura, além da autêntica ludicidade, podem e devem expressar desafios, sendo representados por um jogo, em que o espaço natural passa a ser encarado como a principal "dificuldade" a ser superada, tendo como protagonista, o praticante na busca pela

aventura, sendo inevitável a constatação do lúdico em sua prática que, por sua vez, manifesta-se no lazer.

Cabe ressaltar, ainda, que as atividades físico-esportivas de aventura da era pós-industrial no Brasil, nas quais a canoagem se insere, começaram a se desenvolver durante o século XX, ganhando força, mais precisamente na década de 70; porém, no início do século XXI essas mesmas modalidades conquistam novos campos para a atuação profissional, seja no âmbito do Turismo, da Biologia, da Geografia, da Engenharia e principalmente da Educação Física (MARINHO, 2003; SANTOS, 1997; REVISTA NÉZ, 2000).

Diante dessas novas perspectivas, a Educação Física, área já tradicional, ganha novo enfoque, agora com algumas faculdades que possuem em sua grade curricular a disciplina esportes radicais, sendo apresentadas as mais diferenciadas manifestações das atividades radicais e de aventura, possibilitando um novo campo de atuação para o profissional que pretende ingressar no mercado profissional (SANTOS, 1997).

Os interesses pela prática das atividades ligadas à aventura, segundo Bétran (2003), revelam a fascinação que a natureza nos oferece em pleno século XXI, denominado como período pós-industrial. Essa sociedade que está voltada, quase que exclusivamente, para o consumo e com obrigações cotidianas exacerbadas, entre outros aspectos que a cercam, tem o esporte como prática cultural social representativa. As atividades de aventura firmam-se nela como atividades ecoturísticas, buscando uma prática descompromissada, em virtude dos objetivos a serem alcançados e das condições espaciais atípicas, distanciando-se da rigidez imposta pelas práticas esportivas tradicionais.

Entretanto, o referido autor, lança olhares críticos em relação à clara esportivização que vem acontecendo no decorrer da última década, em relação a essas práticas corporais de aventura caracterizadas pela hipervalorização do elemento competitivo, desmistificando a vertente principal dessa prática de caráter especificamente lúdico e recreativo, tornando-a mais uma prática esportiva de competição tradicional, e complementa:

*A competição como fundamento primário da atividade, o esforço físico, ganhar, ser o número um, a estatística ou o recorde não são senão desvios próprios que procedem do onipresente universo esportivo, mas que atentam à idiosincrasia e à natureza das AFAN (BÉTRAN, 2003, p. 166).*

Nessa concepção, um bom exemplo é o das corridas de aventura, que englobam diversas atividades de aventura (*mountain bike*, canoagem, *canyoning*<sup>19</sup>, escalada<sup>20</sup>, cavalgada...), prevalecendo que as mesmas sejam executadas de maneira extremamente precisas, percorrendo longas extensões territoriais, sobrepondo-se aos limites humanos.

Por outro lado, quando essas modalidades de aventura passam a ser incorporadas repentinamente por seus praticantes, a superação em relação a si próprio, como também aos demais adversários será manifestada no confronto de performances; não encontramos empecilhos de acordo com esse ponto de vista, desde que as competições não sejam encaradas como uma violência em relação ao próprio corpo.

Diante destes aspectos analisados, colocando em questão a natureza dessas atividades como sendo de lazer ou não, nos deparamos, inevitavelmente, com dois elementos essenciais, que estão intimamente inter-relacionados, ou seja;

- o jogo: pela sua espontaneidade e a livre adesão, apropriando-se principalmente de características lúdicas indissociáveis que segundo Huizinga (1993) geram ordem, tensão, mudança, entusiasmo, etc... processado a partir de manifestações humanas, em busca do entretenimento;
- o risco, o corpo colocado à mercê da aventura num duelo radical e saudável entre ser humano e meio ambiente.

---

<sup>19</sup> - O *canyoning* é considerado uma atividade de aventura, que originou-se aproximadamente na década de 1970, envolvendo a exploração de *canyons* e de rios, seja através das técnicas de rapel em cachoeiras, por trilhas que margeiam os rios ou até mesmo a nado. Esta atividade desmembrou-se da espeleologia (estudo das cavidades do solo como grutas, cavernas, fontes, etc...) ([www.eradicais.com.br](http://www.eradicais.com.br)).

<sup>20</sup> - A escalada consiste na ascensão de montanhas por meio de caminhadas ou de escaladas em terrenos mais íngremes necessitando da apropriação de equipamentos especializados ([www.eradicais.com.br](http://www.eradicais.com.br)).

De acordo com estes dois aspectos: o jogo e o risco, se torna notável a busca dos participantes pelo desafio, como afirma Uvinha (2001, p. 21): *Esses esportes têm em comum o gosto pelo risco e pela aventura[...]*

Portanto, em sintonia com essas mesmas perspectivas recorreremos a Huizinga (1993) quando nos revela que no jogo sempre terá algo para ser disputado (na canoagem lazer o corpo passa a ser colocado em disputa com a natureza que lhe oferecerá determinados riscos inesperados, porém calculáveis), transcendendo as necessidades “imediatistas” da vida, mas, principalmente, conferindo à ação, ou seja, o entretenimento de jogar, ou melhor, no nosso caso, a diversão de remar.

Essas inúmeras manifestações corporais são classificadas por Bétran (2003) como: Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), que apresentam o seguinte significado.

*As Atividades Físicas de Aventura na Natureza são práticas individuais que se fundamentam geralmente no deslizamento sobre superfícies naturais, nas quais o equilíbrio dinâmico para evitar as quedas e a velocidade de deslocamento, aproveitando as energias da natureza (eólica, das ondas, das marés, dos cursos fluviais ou a força da gravidade), constituem os diversos níveis de risco controlado nos quais a aventura se baseia (BÉTRAN, 2003, p. 165).*

Portanto, a prática da canoagem voltada para o lazer, envolvendo aspectos de aventura, como as descidas de *rafting*, por exemplo, caracterizam um jogo no qual as regras são impostas pelas dificuldades naturais, pois a cada corredeira, uma nova expectativa é promovida, provocando diferentes níveis de excitação, proporcionando radicalidade aos participantes que buscam, além da emoção, a superação de um desafio e a diversão.

Nessa mesma perspectiva, Uvinha (2001) aponta que, nos esportes de aventura, o risco passa a ser um dos principais fatores procurados pelos participantes, e que a busca pela aventura envolve o participante num clima descontraído, mas repleto de incertezas, ao qual o "desbravador" se incorpora ao meio natural, visando as almeçadas sensações de adrenalina.

Caillois (1990), apresenta as diferentes maneiras de se jogar em dois pólos antagônicos, ou seja, da *Paedia - turbulência da vida real* ao *Ludus - prática das atividades lúdicas*, dentro de quatro classificações:

a) *Agôn*: vindo a aflorar a disputa, a competitividade.

b) *Alea*: o jogo a mercê do destino, envolvendo o fator indeterminante da sorte ou azar.

c) *Mimicry*: a teatralização.

d) E, por fim, a vertigem denominada de *Ilinx*, passando a infringir à consciência lúcida, uma espécie de voluptuoso pânico, cuja característica principal do jogo passa a ser o risco, a emoção, a aventura de transpor barreiras em promoção do prazer.

Estas classificações, apontadas por Caillois (1990), nos revelam uma "balança" inversamente proporcional, pois enquanto o elemento *Paedia* decresce o elemento *Ludus* torna-se crescente e vice-versa.

É importante ressaltar, também, que os componentes estabelecidos não promovam uma exacerbação, como propõe Marcellino (2001), mas que enfoquem: a competição que não leve à violência; os jogos de sorte ou azar que não provoquem alheamento; a teatralização que não mascare a vida cotidiana; a vertigem que não leve ao risco não calculado.

Porém, quando relacionados à atuação dos animadores sócio-culturais, trabalhadores das diversas áreas do lazer, com a intenção de divulgar esses bens culturais, estes devem ter uma dupla qualificação, exercendo a competência em pelo menos um setor cultural, bem como a consciência social, já que a maioria das pessoas tende a direcionar suas atividades de lazer a um campo restrito de interesse, geralmente por não vivenciarem ou ao menos conhecerem outros interesses culturais (MARCELLINO, 1983).

Sendo assim, a forma de jogar denominado de *Ilinx* (vertigem), no qual a atividade náutica de aventura canoagem se apresenta com grande intensidade, possui um amplo campo de manifestação e diferentes maneiras de se jogar; seja

na superação de uma corredeira jamais explorada, cujo principal fator está na busca da emoção (radicalidade), por meio dos conteúdos turísticos e dos físicos esportivos em promoção do lazer, ou o devaneio da vitória, tanto no esporte participação quanto competição.

É evidente, que as atividades de aventura surgiram com reais intenções “descompromissadas”, ou seja, livre adesão em prol do divertimento; mas, atualmente, as mesmas atividades começam a incorporar componentes ligados à competitividade, valorizando a performance individual ou da equipe, fato ocorrido pela especialização de atletas que praticam tais atividades constantemente, passando do componente *Ilinx* para *Agôn*, segundo a classificação proposta por Caillois (1990). A competição também está presente na canoagem de lazer. Ela está presente na *Paedia* e no *Ludus*.

Somente quando o *Ludus* é “federado”, assumindo características de esporte é que esse *Agôn*, passa para competições de caráter oficial.

Entre vários críticos que defendem e outros que condenam tal manifestação, em busca da melhor performance, propomos algumas questões a serem refletidas:

- Que modalidade de caráter físico esportivo não “evoluiu”, chegando a promover eventos de caráter competitivo federado?
- Se a prática repentina promove prazer aos praticantes, por quê não fazê-la?
- Qual a diferença entre jogar futebol durante a semana visando o campeonato de várzea nos dias de descanso, e entre remar *rafting* diariamente objetivando um evento competitivo?

Diante dessas colocações, nos aprofundamos na busca das manifestações esportivas, de lazer, participação e competição que a canoagem vem englobando.

## **1.2. O surgimento das atividades esportivas etno-históricas e suas contribuições à canoagem contemporânea.**

Entre muitos pesquisadores e entidades de diferentes correntes filosóficas sobre o nascimento das atividades físico esportivas destacamos, num primeiro momento, Teixeira (1989) quando afirma que, os esportes são aquelas atividades praticadas igualmente em todo o mundo, regidas por federações internacionais aliadas às suas respectivas modalidades, no qual estipulam regras a serem seguidas pelos demais praticantes, seja a modalidade de caráter individual ou coletivo.

Não podemos negar, no entanto, que no rol das modalidades esportivas difundidas em muitos países, tiveram forte contribuição as atividades tipicamente etno-culturais, como o “bumerangue”, na Austrália, a “pelota Basca”, na Espanha, as “corridas de trenó”, no Alaska e, por fim, a “canoagem”, no Brasil, proveniente das tribos indígenas (GODOY et al, 1989).

As diversas tribos indígenas nativas de nosso país, atualmente em menores e lamentáveis proporções, necessitavam da canoa para inúmeras atividades de subsistência como o transporte, a caça, a pesca entre outras utilidades, fazendo da canoa um instrumento cultural.

As contribuições culturais são essenciais para um resgate histórico, influenciando futuramente na manifestação e popularização da modalidade, pois por meio de uma democratização cultural dinâmica e com a introdução de algumas regras oficializadas e conhecidas internacionalmente, temos a prática de um instrumento utilitário de forte cultura nacional, derivando-se mais tarde em jogo, atividades de lazer, chegando a se transformar em esporte de competição nacional e internacional (GODOY et al , 1989).

Contudo, Silva (1996, p.9) vai ao encontro das afirmações apresentadas por Godoy et al (1989) caracterizando que:

*Enquanto o esporte pode ser por vezes entendido como um jogo, uma brincadeira, uma dança, um ritual etc; e o atributo de 'Criação Nacional' (sic.) por sua vez, pode ser entendido como de 'Criação Cultural' (sic) ou com 'Identidade Cultural' (sic.)... Os exemplos destas atividades são vários, vão da arqueria, canoagem, caça, pesca...*

Assim, entre inúmeras contribuições e definições que encontramos para as atividades físico-esportivas, concordamos com Tubino (1992, p. 31), ao propor um novo sentido ao esporte:

*[...] o esporte, após sua revolução conceitual, a partir do pressuposto do direito de todos à prática esportiva, passou a ser compreendido através das três manifestações esportivas, que na verdade são formas de exercício deste direito, e constituem-se nas efetivas dimensões do esporte: a) o esporte-educação; b) o esporte-participação ou esporte popular; c) esporte performance ou de rendimento... Desse modo, o esporte, como instituição social, não deve ser analisado fora de suas dimensões sociais, porque esta seria uma via reducionista, que levaria a uma visão e perspectiva anacrônica deste fenômeno.*

Diante das inúmeras definições e contribuições relatadas para a compreensão do fenômeno esportivo devemos, antes de tudo, considerá-lo como um conteúdo cultural específico e atribuir valores, que transcendam o caráter assistencialista que, muitas vezes, acabam tornando remotas as possibilidades do esporte ser encarado como um direito social (LINHALES, 2001). Mas, que em contrapartida, busque a renovação e transformação do ser humano, não visando somente a saúde e a aptidão, mas agindo e disseminando o fator da cultura, valorizando, assim, as diversas formas das atividades tipicamente populares, jogos tradicionais, as manifestações etno-históricas, na busca de uma democratização cultural esportiva (REVISTA ESPORTE, LAZER E TURISMO, 1992).

Dentre esses dilemas, a canoagem possui um papel reconciliador, pois pode buscar nas raízes históricas, perspectivas futuras para sua proliferação, independente da sua prática, seja ela utilitária, de lazer ou competitiva.

### 1.2.1. A canoagem participativa

Como já citamos, as primeiras embarcações surgiram da necessidade que o ser humano encontrava em meio à natureza, utilizando-se das mesmas para superar tais dificuldades. Assim, com o passar do tempo as embarcações modificaram-se paralelamente às mudanças da sociedade. Um bom exemplo a ser citado foi a revolução industrial, no século XIX, cujo trabalho repetitivo, previsível e monótono coincidiu com o interesse pelas atividades de caráter esportivo em geral, principalmente na Europa, pois ambas se classificam em atividades pertencentes a um mesmo indivíduo que sofreu mudanças da estrutura social mais ampla. Isso ocorreu não só com a canoagem, mas com quase todos os esportes que hoje se difundem por todo o mundo, sofrendo mudanças contínuas, de acordo com o processo histórico.

A prática da canoagem ou de qualquer atividade esportiva, se propaga pelo prazer, pela satisfação da execução dentro de um tempo e espaço determinado, provocando uma certa necessidade de superação, seja em relação ao próximo, ao tempo, ou até em relação a si mesmo.

De acordo com estas particularidades, o prazer pela prática não constante e despreocupada, até então distinta como uma atividade de lazer, torna-se, repentinamente, uma modalidade esportiva de cunho participativo, caracterizada como atividade físico esportiva de lazer, exercendo fortes vínculos com a dimensão esportiva de participação, a que se refere Tubino (1992, p. 35):

*Esta é a dimensão social do esporte referenciado com o princípio do prazer lúdico, e que tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes.. Ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações da vida diária, de um modo geral, tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas. Também oferece oportunidades de liberdade a cada praticante, a qual se inicia na própria participação voluntária.*

Portanto, o esporte-participação promove um maior envolvimento com a prática de diversas modalidades esportivas se manifestando em virtude do tempo, espaço e, principalmente, da satisfação, provocando possíveis contribuições

educativas para os indivíduos num plano social e pessoal (MARCELLINO, 2000). Entretanto, a superação só será alcançada por meio da motivação (elemento fundamental para a prática esportiva), levando à busca da competitividade que passa a ser extremamente motivante.

As disputas ocorrem a todo o momento em nossas vidas, vindo a aflorar, igualmente, nas atividades esportivas. Sendo assim, não podemos negar a competitividade, mas também não deixar que a exacerbação da competição (hipercompetitividade) vigore e triunfe levando, muitas vezes, à violência, corrupções, malefícios à saúde em troca de alguns segundos, ou em busca de um resultado expressivo (MARCELLINO, 2001).

Deste modo, não devemos nos equivocar em assemelhar os projetos e programas de atividades esportivas, voltados para a massificação, cujos principais objetivos estão voltados para a inclusão, à socialização, à educação e à formação da criança e do adolescente, como também ao preenchimento de necessidades sociais e pessoais para os adultos, fazendo do esporte uma manifestação cultural.

Por outro lado, quando as atividades esportivas são introduzidas precocemente nos programas de massificação visando à alta performance, na maioria das vezes não proporcionam prazer, mas sim uma obrigação, na qual somente o resultado é valorizado ou, quando muito, passam a ser inseridas em escolas públicas ou particulares, clubes, associações esportivas, ou programas esportivos de caráter público, conhecido como as "escolinhas esportivas", provocando a especialização precoce nos mais variados segmentos esportivos, resultando numa aderência cada vez maior ao desporto de alta performance, que nem sempre propicia melhores intervenções nos seres humanos (OLIVEIRA, 1998).

Dessa forma, esses projetos estão diretamente voltados para a hipercompetitividade, ou seja, não passam de "fábricas de atletas", sempre em busca do melhor rendimento, passando cada vez mais a inserir a especialização precoce de atividades esportivas em crianças e adolescentes, transformando o corpo num mero instrumento de reprodução. E, quando ele não reproduz mais o suficiente é descartado, como uma peça inutilizada; busca-se a reposição em

qualquer outra "fábrica de futuros talentos" descartando toda inserção social pelo meio cultural esportivo.

Concordamos que entre os objetivos dos projetos e programas de massificação esportiva, um deles é de contribuir para a descoberta de indivíduos capazes de, futuramente, ingressarem na prática competitiva de alta performance, desde que os mesmos passem por um processo de aprendizagem das habilidades esportivas pertinentes ao seu desenvolvimento global, ou seja, que se compõem desde a iniciação até a conclusão da especialização social, pelo meio cultural esportivo (OLIVEIRA, 1998).

Assim, estamos de acordo com Medina (1992, p. 152) ao afirmar que:

*Não é fácil desenvolver atletas cidadãos, críticos, conscientes, educados, e criativos, quando o sistema pede "máquinas" obedientes e automaticamente descartáveis, quando deixam de produzir o rendimento esperado.*

Acreditamos que projetos esportivos populares, com características de inclusão e massificação, devam ter como principal aspecto a ludicidade na aprendizagem, enfatizando a prática como fonte de prazer, apropriando-se da inclusão participativa do cidadão nas atividades físico esportivas, tendo as mesmas como meio educativo, invocando a criticidade dos praticantes.

Entretanto, a canoagem oferece inúmeras maneiras de disputa dentro das suas dez modalidades.

- Qual canoísta, independente do seu nível técnico, não se sente vitorioso ao desbravar uma corredeira jamais explorada?
- Ou quando disputa um pequeno evento inter clubes?
- Ou até mesmo, almeja a emoção de uma chegada acirrada entre dois competidores numa prova olímpica?

Por fim, a canoagem como atividade de participação, mesmo não estruturada, elevou o nível da modalidade, conquistando novos adeptos e amantes

dessa atividade náutica, fazendo com que estes tivessem o primeiro contato com a modalidade esportiva, porém não tornando-a, ainda, popular.

Dessa forma, é preciso que:

- abordemos os principais motivos da não massificação da canoagem, como as barreiras sócio-culturais que assolam a propagação da modalidade, considerando os aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.
- apontemos as principais soluções para as lacunas existentes, como a relação entre órgãos administrativos da modalidade (Federações Estaduais e Confederação Brasileira de Canoagem) e o Poder Público Municipal, havendo uma necessidade da implementação de políticas públicas municipais de esporte e lazer e a inclusão participativa nestas duas vertentes.

### *1.2.2. Da participação à competição.*

Como vimos anteriormente, a canoagem se manifesta de diferentes maneiras. Como em qualquer outra atividade físico esportiva, ressaltamos que a canoagem também realiza competições oficiais, regidas por órgãos administrativos, dispostos hierarquicamente.

Esta estrutura hierárquica tem como alicerce principal os Clubes e Associações Municipais, administrados pelas Federações Estaduais, sendo estas vinculadas à Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa), formadas pelos seus respectivos diretores das dez modalidades oficiais.

Nota-se que os clubes e associações oficialmente filiados são fundamentais para engrandecer a base hierárquica de administração da modalidade, sendo ligados, diretamente, às Federações Estaduais e, conseqüentemente, à Confederação Nacional.

Por outro lado, constitui também o universo competitivo da canoagem, provas não oficiais, como eventos e competições voltados para o espetáculo, entre outros.

Neste sentido, apresentamos as disputas na canoagem em dois momentos, caracterizando o primeiro pela manifestação da competitividade entre os seres humanos, aderindo às concepções apontadas por Caillois (1990) sobre o *Agôn*, referente a maneira competitiva de se jogar, muito incluída nas atividades esportivas. E, num segundo momento, a especialização esportiva, coroando o treinamento de alta performance entre alguns contextos apontados por Oliveira (1998).

De uma maneira ampla, compreendemos que a competição esportiva engloba a disputa, independente da sua natureza, seja com o cronômetro, em relação a adversários, consigo mesmo, ou até com o espaço onde acontece a prática de tal atividade.

Manifesta-se, também, com uma especialização do *Agôn* dos jogos que incentivam e promovem confrontos, sejam os que propiciam somente a busca do entretenimento pelo simples prazer da disputa do jogo, ou que consideram a competição como um sinal de especialização, visando o desenvolvimento da performance, em busca do melhor rendimento possível.

Esse interesse pela disputa, é classificado por Caillois (1990) como um domínio almejado que, supostamente, deva ser alcançado, representado pela prática do *Agôn*, que serve-se de determinadas características como persistência, disciplina, busca do limite, esforços assíduos, entre outros, deixando o praticante à mercê da sua vontade de vencer.

Esses pré-requisitos, mesmo incorporados por todos os participantes, levará à conquista e superioridade do vencedor em virtude das características individuais, ou seja, o *Agôn* celebra a vitória, pelos méritos pessoais a quem compete.

Assim, na iniciação esportiva o jogo torna-se o meio para aprimorar as habilidades dos praticantes, tendo como função principal os cuidados educacionais nas atividades que irão promover o repertório motor da criança ou de qualquer outro

praticante, seja de maneira livre ou dirigida, realçando o aspecto coletivo a partir da relação com outros participantes (OLIVEIRA, 1998).

Dentro dessas concepções, a canoagem deve seguir esses mesmos princípios, antes de optar por qualquer modalidade da canoagem; o aprendiz deve, num primeiro momento, aprender a simples técnica de conduzir o caiaque em águas calmas, deve estabelecer algumas atividades de caráter recreativo fora da água com os próprios equipamentos utilizados na canoagem como remos, bola de pólo-aquático, para ocorrer um maior familiarização dos alunos com o material que será usado futuramente, como também para a realização de um pré-aquecimento. Essas atividades devem variar de acordo com a criatividade do professor.

Logo após, iniciam-se as atividades na água, desde a entrada na embarcação, a busca do equilíbrio, a locomoção com as mãos em diferentes direções, até o momento do aluno apropriar-se do remo, iniciando as primeiras propulsões básicas para o controle do caiaque. Nesta fase, o professor deve fornecer-lhe liberdade para que sua criatividade pessoal aflore no decorrer do aprendizado.

Com o aluno dominando estes fundamentos básicos pode-se atribuir atividades lúdicas para o aprimoramento do controle da embarcação. Uma ótima atividade a ser introduzida é o jogo de caiaque-pólo; neste caso, voltado, exclusivamente, para brincadeira com o caiaque, por promover uma atividade que exige mudanças de direção, desenvolvimento da capacidade aeróbia, percepção espacial entre outros aspectos, sem levar em consideração fundamentos técnicos aprimorados e, principalmente, incluir adaptações nas regras oficiais como a diminuição da altura do gol, utilizar bolas menores para facilitar o domínio tanto com as mão como com os remos.

Assim, de acordo com as etapas do aprendizado esportivo, concordamos com Gaio (1996, p. 89) ao se referir:

*[...] às atividades pedagogicamente estruturadas dentro de um conteúdo programático, as quais vão sendo apresentadas as*

*crianças, dentro de uma hierarquia crescente de dificuldade, respeitando as diferentes idades e fornecendo assim os meios, para que as crianças entrem em contato com diferentes experiências motoras, as quais estimulam não só o motor como o cognitivo, além do social que obviamente é inerente à situação do trabalho em grupo.*

Compreendemos, também, que o jogo faz parte da fase de aperfeiçoamento na prática de qualquer atividade; não o jogo entendido no sentido restrito da palavra ou, simplesmente, jogos coletivos, mas, a manifestação da competitividade.

Portanto, com a canoagem não pode ser diferente, a realização de eventos e festivais utilizando-se de regras adaptadas enfocam a competitividade entre os praticantes. Um bom exemplo é a adaptação das competições da modalidade “slalom” que, quando realizadas oficialmente, devem ser praticadas exclusivamente em rios com corredeiras, porém, quando aplicada a praticantes num estágio de aperfeiçoamento podem ser realizadas em lagos, onde as dificuldades são minimizadas, possibilitando um ingresso maior de participantes.

Por outro lado, quando a fase da alta performance é atingida, o jogo torna-se o fim; todo o aprendizado é colocado em prática, buscando a maior eficiência possível na realização dos movimentos, seja individual ou coletivamente, apresentando diferentes identidades técnicas e correntes de treinamento, variando de acordo com cada modalidade e especificidade de cada prova, como na prova de “slalom”, proporcionando uma duração média de dois minutos, prevalendo a capacidade anaeróbia lática, diferenciando-se de uma prova de oceânica, com uma grande predominância da capacidade aeróbia.

Esta fase da especialização transforma o adepto da prática esportiva em atleta, pois deste momento em diante busca-se o alto rendimento da performance individual, mesmo nos esportes coletivos, a partir do treinamento sistematizado.

Dessa forma este período passa a englobar o aprimoramento dos seguintes aspectos na canoagem:

- Técnico, tático, físico e psicológicos: Neste item, cabe ressaltar que todas as modalidades da canoagem utilizam-se de técnicas específicas; neste caso, quanto melhores os requisitos técnicos maiores serão as possibilidades táticas em

uma competição. Um bom exemplo a ser citado é o caiaque-pólo, que quanto maior a qualidade dos fundamentos técnicos como passes longos e curtos, arremesso de curta e de longa distância ao gol, domínio de bola com os remos ou com as mãos, domínio do caiaque, marcação entre outros, maiores serão as possibilidades de realizar estratégias táticas eficientes tanto para a defesa como para o ataque da equipe.

- Exigências cognitivas.
- Busca da superação em competições mais expressivas como as estaduais, nacionais e internacionais.
- Regulamentos oficializados por órgãos administrativos (Federações, Confederações Nacionais e Internacionais).
- Fatores extrínsecos complementares como assistência médica especializada, planejamento alimentar nutricional, material adequado para a prática da modalidade...

Portanto, deve-se ressaltar que até a pessoa tornar-se um atleta, a mesma terá vivenciado inúmeras etapas de fundamental importância para o seu rendimento final e que a ineficiência dos conteúdos em qualquer fase dessas etapas acarretará prejuízos no rendimento esportivo do atleta (OLIVEIRA, 1998).

Nessa perspectiva, a modalidade esportiva canoagem pode ser praticada individual ou coletivamente, caso do *rafting*, das canoas, dos caiaques duplos, como também os formados por quatro canoístas conhecido como K4 ou C4 (canoas conduzidas por quatro integrantes; no entanto, esta prova não é oficial) na modalidade “velocidade”.

Essas embarcações promovem diferentes maneiras de se jogar, em função de dois aspectos: primeiramente em virtude das diferentes características espaciais de que cada modalidade se apropria, como rios, lagos, mares, piscinas, e, conseqüentemente, tendo como segunda etapa, diversas maneiras de disputa.

Entre essas diversas formas de disputas podem ser destacados os confrontos diretos entre os próprios canoístas:

1 . Velocidade: Nessas provas as embarcações e seus respectivos canoístas alinham-se lado a lado, em nove raias demarcadas nas distâncias de 1000, 500 e 200 metros, sendo o vencedor o primeiro a percorrer a distância estabelecida, no menor tempo possível.

2. A corrida: Seja contra o cronômetro, como na modalidade descida, cujo o canoísta deve conduzir sua embarcação especialmente projetada para atingir uma maior velocidade em águas turbulentas. Dessa forma, o duelo passa a ser travado não somente com o tempo, mas com os obstáculos naturais que devem ser vencidos individualmente impostos pela própria natureza.

3. Como a disputa coletiva representada pelo caiaque-pólo. Cabe ressaltar que esta modalidade foi fruto da "evolução" dos jogos, em função da adaptação ao espaço, trazendo um esporte praticado no meio natural, para dentro das piscinas.

É evidente que o esporte de alta performance encontra-se enraizado na nossa sociedade, pela sua plasticidade, por um elevado envolvimento de espectadores, pela perfeição dos gestos técnicos aplicados pelos atletas e a forte influência da mídia. Dessa forma, aderimos a Greco (2000, p. 29) para definirmos treinamento esportivo:

*O sistema de 'Treinamento Esportivo' apresenta como objetivo seu direcionamento para a obtenção de adequados resultados no esporte de alto nível, objetivando a otimização do potencial do atleta, visando apresentar máximos rendimentos. Assim, aspectos tais como infraestrutura organizacional disponível, interesse e pré-disposição do indivíduo, diagnóstico e prognóstico da evolução do nível de rendimento na modalidade, evolução físico-técnica, técnico-tática, tático-psicológica viável eticamente que o atleta possa alcançar, pré-requisitos biotipológicos inerentes à modalidade escolhida, e devem permanentemente ser relacionados no momento da escolha do esporte na sua forma de expressão do alto nível de rendimento.*

Assim, o esporte de alta performance, passa a ter um caráter altamente seletivo, possibilitando somente o ingresso de atletas de excelência, ou seja, valorizando uma série de fatores específicos do universo esportivo como os fundamentos técnicos-táticos, a capacidade física adequada, o equilíbrio emocional para suportar uma alta carga de treinamento, as pressões provocadas pelas competições, as características antropométricas específicas para cada modalidade,

como, também, aspectos multidisciplinares que extrapolam a área da Educação Física envolvendo os demais campos de atuação como a fisioterapia, a medicina, a nutrição, entre outros, que contribuem para a performance final do atleta ou da equipe.

Portanto, para que possamos agir em busca de uma democratização cultural, no âmbito do lazer, é preciso que uma série de fatores transcendam a prática conformista e que contribuam para que os indivíduos alcancem níveis críticos criativos; que haja coerente distribuição do tempo e do espaço para o lazer; que ocorra a minimização das barreiras sócio-culturais e, principalmente, aliar esses fatores a uma ação cultural democratizadora, relevando o duplo aspecto educativo, ou seja, a educação pelo lazer como também a educação para o lazer (MARCELLINO, 1983). Já o esporte como meio de democratização deve assegurar a igualdade de acesso a sua prática, partindo, também, das mesmas perspectivas da minimização das barreiras sócio-culturais, como descreve Tubino (1992, p. 23):

*A democratização pelo esporte implicará sempre numa prática esportiva livre, onde a liberdade estará sempre implícita. Esta é uma das razões mais efetivas para que o esporte não seja considerado um fim em si mesmo, mas que possa permanentemente servir de meio indiscutível de formação e libertação de seus praticantes.*

Em contrapartida, cabe ressaltarmos os rumos que o esporte de alta performance vem tendo na nossa sociedade de consumo, como esporte mercadoria e, diante dessas perspectivas, concordamos com Constantino (1990, p. 78-79), ao retratar os valores que a ele foram incorporados:

*O 'show-business' desportivo percorreu tudo e todos. Aperfeiçoou as técnicas de estudo do mercado. Aplicou o marketing. Projetou a imagem. Alimentou o seu consumo mediático. Retirou-lhe as mais valias decorrentes de ser um fenômeno de massa. Serviu-se para fins publicitários. Intensificou as relações econômicas. Serviu de meio de afirmação política ideológica. Sentou-se à mesa das negociações face aos conflitos mundiais.*

Ao nosso ver, é normal qualquer modalidade esportiva atingir o nível de alta performance competitiva, pois esta fase do treinamento inclui-se dentro de qualquer ciclo esportivo. No entanto, manipulações como as relatadas por Constantino (1990)

são fatos que "mercadorizam" o esporte, menosprezando o real significado social que o mesmo passa a ter.

Devemos pensar e procurar atuar no esporte de alta performance, dentro de novas concepções, como propõe Moreira (1992, p. 25):

*O espetáculo esportivo e o esporte de competição deverão ser utilizados como forma de democratização quantitativa da prática esportiva, como modelo de motivação para essa prática, como fator educativo para a competição do dia-a-dia, como vitória do homem sobre suas próprias limitações.*

Somente assim, o esporte poderá transmitir e incorporar valores que enfoquem a contribuição social às pessoas que o acompanham, dirigem e o praticam para, dessa forma, caminharmos em busca de uma democratização cultural atuante, procurando minimizar as inúmeras barreiras existentes, para enfim proporcionarmos a prática popular das atividades físicas, sobrepondo-se a monocultura futebolística existente em nosso país.

Um outro fator necessário e de grande contribuição é o resgate de uma identidade nacional esportiva, seja nas fases de iniciação, aperfeiçoamento ou de alta performance, buscando a valorização de características peculiares de nosso país, levando em consideração aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos entre outros, sendo esses essenciais para a elaboração, aprimoramento e o desenvolvimento, tanto da prática esportiva como também do treinamento esportivo. Portanto, diante dessas perspectivas nos asseguramos dos conceitos propostos por Greco (2000, p. 30):

*Como se pode observar, torna-se impreterivelmente necessário que o processo de desenvolvimento, da cultura de movimento, da biografia esportiva, do ser humano através de um processo de ensino-aprendizagem-treinamento se fundamentem, apóie e relacione com os conceitos políticos e filosóficos que o Estado e a sociedade organizada devem constituir. Portanto, o referido processo deve concretizar-se conforme os princípios implícitos nos modelos de formação e de treinamento esportivo idealizados no marco da cultura do País.*

### **1.3. As barreiras para a prática da canoagem e a necessidade de políticas públicas.**

A proliferação da canoagem participativa, contribuiu na transição para o meio competitivo, vindo a transformar-se em esporte no Brasil.

O primeiro evento que temos relato, segundo Kohnen (1989) foi uma competição da modalidade “descida”, realizada em 1981, no Rio Preto em Petrópolis, impulsionado pela importante contribuição da produção, em grandes quantidades e modelos diferenciados, de embarcações fabricadas em 1978, por empresas especializadas em esportes náuticos, que investiram, com o intuito da massificação da modalidade (com intenções financeiras), estimulando, num primeiro momento, um relativo crescimento da canoagem de lazer, e significativas contribuições para a canoagem de competição, como a fabricação de caiaques mais específicos para os eventos de caráter competitivo.

Este relativo crescimento fortificou-se em pequena escala, até os dias atuais, se levarmos em consideração as condições ambientais oferecidas pelo território brasileiro, como clima tropical, tendo toda costa banhada pelo Oceano Atlântico e o interior cortado por milhares de rios conhecidos e fundamentais para a nossa sobrevivência, constituindo um país que, aparentemente, propicia condições favoráveis para o desenvolvimento da modalidade canoagem.

Além dos espaços naturais, como rios, lagos e mares, o Brasil é um dos países que detém um elevado número de piscinas, sejam elas pertencentes as academias, clubes particulares, praças públicas de treinamento, podendo as mesmas serem aproveitadas para a introdução ao caiaque-pólo, contribuindo, e muito, para a popularização da canoagem. Desta forma, estaríamos transpondo a barreira referente aos espaços “apropriados”, já que algumas cidades não possuem ambientes naturais propícios.

Por outro lado, apesar dos investimentos e das condições naturais territoriais preponderantes no Brasil, a realidade observada foi e continua sendo outra, como afirma Kohnen (1989, p. 105).

*[...] em 1989 já existiam em torno de 60 mil caiaques para surf<sup>21</sup> espalhados pelo país, o que mostra o potencial de crescimento disponível. Por outro lado, a curva de comercialização de um produto que virou moda não representa uma significativa amostra do verdadeiro crescimento da canoagem.*

Concordamos com a afirmação feita pelo autor, entretanto, complementamos com dois aspectos relevantes que prejudicaram a massificação da canoagem no Brasil:

A) A tardia criação do primeiro órgão administrativo de caráter nacional na canoagem surgiu em 1985, denominado de Associação Brasileira de Canoagem (A.B.C.), transformando-se em 18 de março de 1989 em Confederação Brasileira de Canoagem (CBCA), este último é até os dias atuais o órgão administrativo máximo da canoagem nacional, sendo o único filiado a Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.). Infelizmente, os órgãos de caráter nacional administrativos, vieram a se estruturar somente após um investimento em massa das empresas especializadas em esportes náuticos, levando o caiaque a ser apenas um material para comercialização, não desenvolvendo o mesmo como um brinquedo, para dar suporte para a "brincadeira" canoagem, sendo um dos primeiros passos para a popularização (KOHNNEN 1989).

B) O segundo motivo ocasionou-se em decorrência do primeiro, em função da não estruturação da modalidade, passando a não propiciar o lazer como chamariz para a atividade (desenvolvimento da "brincadeira canoagem"), não acarretando, conseqüentemente, a participação em massa, que passaria a aumentar o número de adeptos da modalidade, tanto em nível participativo quanto competitivo.

De acordo com estas duas colocações, nos deparamos com a complexidade da popularização de uma atividade esportiva. No entanto, nem todas as atividades esportivas ou de lazer como a canoagem, elas tornam-se populares

---

<sup>21</sup> - O modelo surf ao qual Kohnen (1989) se refere, deve ser entendido como caiaques popularmente comercializados para a prática do lazer.

ou são consideradas populares, por diversos motivos, envolvendo aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Outro aspecto essencial a ser considerado é a existência das barreiras sócio-culturais, que se inicia pelo aspecto econômico, inibindo muitas vezes a adesão ao lazer, principalmente se levarmos em consideração a relação da distribuição do tempo disponível, deixando claro a sua desigualdade para as diferentes classes na nossa sociedade, promovendo nessa situação barreiras interclasses sociais, como também intraclasses sociais, enquanto o torna privilégio para poucos.

Além do fator econômico, nos deparamos com outras barreiras que dificultam a propagação do lazer, como: o gênero, a faixa etária, os estereótipos, as propostas de horários incoerentes para o desenvolvimento das atividades, a falta de democratização dos espaços para o lazer, formando um todo inibidor, limitando o lazer, qualitativa e quantitativamente (MARCELLINO, 2000).

Assim, a canoagem, independente da sua prática (esportiva ou de lazer), sofre as mesmas barreiras que inibem a sua propagação no Brasil, mesmo tendo em sua base alguns aspectos relevantes, como os fortes laços etno-culturais. Em algumas regiões do país a prática da canoagem como esporte é mais difundida, porém, esta não chega a manifestar-se de maneira popular, enfrentando ainda um estereótipo de esporte elitista.

Por outro lado, temos também as cidades que desfrutam de condições naturais favoráveis para o desenvolvimento desse esporte, com rios, lagos, mares etc... , mas, por não desenvolverem políticas públicas municipais, não conseguem a propagação desta modalidade.

Reconhecemos, enfim, que a canoagem não se populariza somente pelas condições que determinada região oferece, ou simplesmente por projetos esportivos que visam ampliá-la como uma simples atividade isolada. As barreiras inter e intraclasses sociais, verificadas para a prática das atividades esportivas e de lazer, também inibem a sua prática. Dessa forma, assim como as outras modalidades

---

esportivas, ela depende de Políticas Públicas de Lazer e Esporte, que contribuam para a sua democratização.

O artigo 217 "caput" da Constituição Federal Brasileira declara que: "...é dever do estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um". Ainda, no mesmo parágrafo 3º temos: "o poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social" (BRASIL, 1988).

Pois bem, se considerarmos o esporte e o lazer como um direito social, ambos geram a necessidade da intervenção de políticas públicas, tendo em vista o todo inibidor para a sua prática, estimulando o lazer (incluindo nele o conteúdo físico esportivo), nas suas vertentes participativa, educacional e competitiva.

Mas, para que a canoagem, como qualquer outra atividade esportiva, se torne popular e rompa com estes empecilhos, é necessário a participação popular, envolvendo uma gama de interessados, auxiliados por professores. A participação é caracterizada por Demo (1993) como um processo de conquista, e que passa por dois momentos distintos. Sendo o primeiro a *autocrítica*, que é composto pelos interessados, que já não se situam mais como clientela, e o segundo que visa realizar a ação dentro de um espaço conquistado pela participação, ou seja, conquistar uma determinada comunidade para a importância de uma determinada ação.

Portanto, nenhuma atividade físico-esportiva surge com características predominantemente populares, mas adquire esse caráter por meio da identificação do povo com a ação a ser praticada, ou melhor, devemos utilizar de diversos mecanismos de participação.

Em contrapartida, a participação não pode jamais englobar diferenças sociais entre as classes, e sim tentar aproxima-las o quanto mais. Infelizmente, a canoagem é vista como um esporte elitizado e, para tornarmos possível a participação da comunidade teremos que dispor de meios que superem essas dificuldades e procurem minimizar as barreiras socioculturais. Deste modo, nos reportamos à concepção de Demo (1993, p. 21-22) quando este afirma que: "[...] Não existe o processo participativo, se não acontecer alguma coisa na estrutura das desigualdades, cujo problema não pode somente ser buscado fora de nós".

Para que o processo de participação seja adequado, devemos estabelecer uma disputa com o poder, ou seja, as estruturas das desigualdades precisam, cada vez mais, se igualarem dentro de um mesmo processo englobado numa sociedade tão injusta e desigual, desde o Poder Público até a especificidade dos órgãos de administração da modalidade.

Ainda pensando em termos de participação popular Marcellino (2001), baseado em Dumazedier (1980) propõe, como forma de estrutura de animação, uma figura piramidal, composta no vértice por animadores profissionais de competência geral, no centro, por animadores profissionais de competência específica nos seis conteúdos culturais do lazer e na base, por animadores voluntários, necessários para o estabelecimento de vínculos com a cultura local.

Zingoni (2003), enfatiza esporte e lazer como setores de menor importância nos planos de governo, faltando mesmo uma Política Pública Nacional no setor, marcado, muitas vezes pela falta de recursos, fruto de uma falsa hierarquia de necessidades.

Quando não fixadas políticas setoriais, não raro elas têm ranços de traços corporativistas e são marcadas pela endogenia, não se destacando o esporte e o lazer como direitos de cidadania do povo. A autora salienta, ainda, que na administração pública de esporte e lazer no Brasil, persiste uma estrutura de gestão burocrática e um estilo de gestão burocrática a serem superados por uma política pública descentralizada, que supere a prática assistencialista e enxergue o direito ao esporte e lazer integrados aos demais direitos sociais.

Para os objetivos deste nosso estudo, administração pública é identificada como uma função, ou como uma atividade-fim (condicionada a um objetivo) e com uma organização (BOBBIO, 1986).

Portanto, a gestão participativa em rede é recomendada por Zingoni (2003, p.231), quando se refere:

*No âmbito municipal, a principal mudança operada pela implantação da Gestão Participativa em Rede é a fusão das ações das secretarias municipais, a partir da territorialização da gestão. Segundo Ricci (2001) esta territorialização acontece por meio de três*

*movimentos. O primeiro deles consiste na integração dos equipamentos públicos; o segundo, na reorganização do corpo técnico e o terceiro, na redefinição das áreas homogêneas.*

Ao se referir aos pilares básicos em que uma política de lazer deve se assentar, Marcellino (2001, p.17-18) destaca:

- 1 - Respeito e incentivo às manifestações espontâneas da população, partindo delas, e junto com ela;*
- 2 - Trabalho conjunto com grupos organizados (parcerias), buscando sua autonomia, e respeitando-a;*
- 3 - Trabalho conjunto com a iniciativa privada;*
- 4 - Trabalhar na perspectiva de regiões metropolitanas - consórcios.*
- 5 - Trabalhar com o Estado.*

O mesmo autor ao abordar a necessidade de um trabalho integrado de políticas setoriais de lazer justifica a necessidade de um programa de governo na área, considerando quatro eixos.

- 1 - a partir dos conteúdos culturais - requer trabalho integrado intersecretarias ou órgãos da chamada área cultural (artes, cultura, esporte, meio ambiente, turismo, patrimônio etc.);*
- 2 - a partir dos valores associados ao lazer - requer trabalho integrado intersecretarias ou órgãos que extrapolem a questão cultural (educação, saúde);*
- 3 - a partir das barreiras para a sua prática - requer trabalho integrado inter secretarias ou órgãos que também extrapolem a questão cultural (promoção social, transporte, parque e jardins);*
- 4 - a partir das circunstâncias que o cercam - política de reordenação do solo urbano, do tempo (necessidade de relação com o Legislativo) (MARCELLINO, 2001, p. 16 - 17).*

Enfim, o início da canoagem no Brasil se consolidou por iniciativas individuais, ou seja, de maneira espontânea por aqueles que a praticavam, sendo que seus órgãos administrativos (Confederação, Federações, Clubes e Associações públicas ou particulares) vieram a se estruturar no decorrer da sua evolução no Brasil.

Em contraste, para que a canoagem se propague como esporte e lazer pela interferência do poder público municipal, a mesma deverá ser incluída nos seus programas esportivos, possibilitando o ingresso de novos interessados oferecendo-

lhes garantia de oportunidades. Outro aspecto fundamental é que sejam estabelecidas ações intersecretarias na chamada área cultural do lazer, atendendo os demais conteúdos do lazer, sendo um deles as atividades de caráter físico-esportivo no qual a canoagem se insere, como também estabelecer parcerias com a iniciativa privada.

Diante desses aspectos supracitados, analisamos no capítulo seguinte também o município de Piracicaba, por meio de um campo específico e as condições encontradas para que as barreiras verificadas na situação sociocultural possam ser minimizadas, confrontadas com os valores de democratização cultural, buscando a popularização da canoagem enquanto lazer e esporte.

## CAPÍTULO II

### **REMANDO CONTRA AS FORTES CORRENTEZAS DAS BARREIRAS SOCIOCULTURAIS, EM BUSCA DA CALMARIA DA DEMOCRATIZAÇÃO CULTURAL**

*Mais vale o poder controlado com a perda de títulos  
que as vitórias com a possibilidade da perda do poder.*

Wagner Moreira

Neste capítulo é abordada a criação da Confederação Brasileira de Canoagem, concomitantemente com as suas propostas e políticas em prol da propagação da modalidade em âmbito nacional, bem como a análise do município de Piracicaba, cidade escolhida para o nosso estudo, em virtude das condições ambientais e, principalmente, pela implementação de um programa esportivo enfocando a preservação e a formação esportiva, enquanto garantia de oportunidade, envolvendo a canoagem em seu ciclo de modalidades esportivas.

Entretanto, como essas atividades de esporte e lazer não se encontram isoladas municipalmente, iniciamos pela abordagem de sua situação na estrutura organizacional da canoagem brasileira, analisando as atribuições e algumas políticas de atuação da Confederação da Canoagem Brasileira e a necessidade de políticas nacionais. Só então, fazemos análise detalhada do Projeto Desporto de Base (P.D.B.), de Piracicaba, destacando a modalidade canoagem em suas três fases, bem como o importante papel desempenhado pela Associação de Canoagem de Piracicaba (ASCAPÍ).

## **2.1. A estrutura organizacional da canoagem brasileira: a criação da Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa)**

Desde que chegou ao país, em meados da década de 1970, a canoagem vem contabilizando um número crescente de praticantes, estimado, atualmente, em cem mil adeptos.

Após um longo período para a afirmação da modalidade, o impulso só veio a surgir no dia 03 de maio de 1985, com a criação da *Associação Brasileira de Canoagem* (A.B.C.), órgão administrativo, de caráter nacional, como apresentamos no capítulo anterior. Este órgão veio a se transformar em 18 de março de 1989, no município de Resende - RJ, em Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa), passando atualmente a exercer sua organização e funcionamento autônomos na cidade paranaense de Curitiba, com a Presidência do Sr. João Tomazini Schwertner.

Esta consolidação em Confederação ganhou força devido ao apoio de diversas Federações fundadoras como: Baiana (FEBAC), Brasiliense (FEBRACAN), Gaúcha (FECERGS), Carioca (FECAERJ), Paulista (FPCa), Goiana (FGCa), Mineira (FEMIC) e a Sul Matogrossense (FCMS), outorgando-lhe total poder de administração do esporte pela Legislação Desportiva Brasileira, como nos assegura o parágrafo 1º, do Art. 1º, do seu próprio Estatuto:

*O desporto brasileiro, no âmbito das práticas formais da modalidade, é regulado por normas nacionais e internacionais e pelas regras de prática desportiva da Canoagem, aceitas pela CBCa, conforme estabelecido no parágrafo primeiro do Artigo 1º da Lei 9.615, 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre o desporto (CURITIBA, 2003).*

Nestas circunstâncias, a CBCa apresenta-se como órgão máximo na representatividade de qualquer manifestação da canoagem brasileira, em âmbito nacional e internacional, seja em relação ao Ministério do Esporte, do Governo Federal, ou ao Comitê Olímpico Brasileiro (C.O.B.) Também, é filiada às entidades internacionais de canoagem: Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.)<sup>22</sup>, Federação Internacional de Rafting (I.R.F.)<sup>23</sup>, Associação Internacional de *Waveski*<sup>24</sup>, e *Kayak surf* e às Confederações Sul-americana e Pan-americana<sup>25</sup> de canoagem.

---

<sup>22</sup> A Confederação Brasileira de Canoagem (CBCa) é filiada à Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.), sendo este o órgão administrativo de maior relevância internacional nas modalidades Velocidade, Slalom, Maratona, Descida e Caiaque-pólo, sendo estas desenvolvidas no Brasil. No entanto, a Federação Internacional de Canoagem (I.C.F.) inclui ainda na relação das suas modalidades a modalidade Canoa a vela (I.C), sendo esta a única embarcação conduzida a vela e não a remos, que pertence à canoagem e não ao latismo, restringindo sua prática, principalmente, aos países do Atlântico Norte, e a modalidade *Dragonboat* (barcos dragão) proveniente da Ásia, em que duas grandes embarcações disputam entre si uma distância preestabelecida, sendo deslocadas por até vinte canoístas, contando ainda com um timoneiro e um marcador de ritmo. Em contrapartida tanto a canoa a vela quanto a *Dragonboat* encontram-se fora do campo de atuação em nosso país (KOHLEN, 1989).

<sup>23</sup> A Federação Internacional de *Rafting* (I.R.F.) consiste em organizar eventos somente vinculados às embarcações infláveis, mais conhecidas como *rafting*, como também o seu crescimento e desenvolvimento pelo mundo. A Confederação Brasileira de Canoagem é vinculada a esta entidade por possuir equipes de alta performance com destaques em provas internacionais, além do mercado voltado para a prática dessa modalidade como lazer, estar em crescimento no Brasil.

<sup>24</sup> Tanto a Associação Internacional de *Waveski* como a Associação Internacional de *Kayak surf* (caiaque surfe), enfocam o crescimento e desenvolvimento apenas de sua modalidade específica, como também a organização de eventos internacionais. Um bom exemplo foi a realização do Campeonato Mundial de *Waveski*, em 1999, no Brasil.

<sup>25</sup> A Confederação Brasileira de Canoagem é o único órgão administrativo vinculado as Confederações (Sul-americanas e Pan-americanas) no continente americano.

Assim, compreendemos que qualquer programa idealizado para o crescimento e a propagação da modalidade canoagem, entendida como esporte, em todo território nacional deva ser expedido, aceito ou desenvolvido pela CBCa, pois ainda de acordo com o seu Estatuto, o Art. 6º do Capítulo III, cita que:

*A CBCa é constituída pelas entidades Estaduais e do Distrito Federal de Administração do Desporto (Federações de Canoagem), além das Entidades de Prática do Desporto (associações, clubes, e sociedades), para os efeitos deste estatuto e de demais leis e atos concernentes ao desporto que dirige (CURITIBA, 2003).*

Dessa forma, as Federações Estaduais são subordinadas a cumprirem o presente estatuto, suas leis, deliberações, regulamentos e decisões acatadas pela Confederação Nacional.

Em contrapartida, poucos projetos e contribuições foram idealizados, selecionados ou até mesmo aprovados de maneira democrática e coerente por parte da CBCa, visando o desenvolvimento e a massificação da canoagem nacional. Assim, "desceremos em águas turbulentas" ao próximo tópico, na busca dessa tão ousada massificação.

Por outro lado, não podemos nos esquecer que a canoagem não pode ser vista apenas como esporte, quando muitas vezes valoriza-se somente a alta performance, mas também como lazer. E enquanto lazer deve agregar no seu conteúdo físico-esportivo fatores fundamentais como a participação envolvendo a garantia de oportunidades necessitando, portanto, de políticas públicas, nos três âmbitos de atuação seja Municipal, Estadual ou Federal, articulados com outros segmentos da sociedade, procurando vencer as barreiras inter e intraclasses sociais que dificultam a sua prática.

É importante destacar que o estatuto da CBCa prevê a sua representação junto aos poderes públicos em geral (Capítulo III) e celebração de acordos ou convênios (Capítulo XIV), repasses de recursos públicos e compra de material de expediente e desportivo (Capítulo XVI), além de um aspecto fundamental que é o de "promover funcionamento de cursos técnicos do desporto sob sua direção", necessário para a formação de quadros, conforme dispõe o artigo 5º, do capítulo III, letra "i".

## **2.2. As políticas de atuação voltadas à propagação da canoagem e à necessidade de uma política nacional**

Desde a fundação da Confederação Brasileira de Canoagem, pouco foi apresentado, na perspectiva da propagação e desenvolvimento da modalidade no Brasil.

Dentre os projetos apresentados, poucos foram duradouros.

No início da década de 1990 foi instituído pela CBCa o "Projeto Escolas", abrangendo todo o território nacional. Seu principal objetivo era fornecer embarcações para as cidades, clubes, associações, entre outras instituições interessadas em desenvolver a canoagem. Contava ainda com o auxílio da iniciativa privada, para que o preço das embarcações fosse reduzido em até 50% facilitando, dessa maneira, adquiri-las (REVISTA CANOANDO, 1999).

O material específico para a prática da modalidade foi assim adquirido (portanto uma importante etapa alcançada), contribuindo para desmistificar a concepção elitista que a canoagem carregava consigo, que por sinal provocava empecilhos a muitos interessados, que confrontavam-se com a barreira financeira, em função do custo das embarcações não condizerem com a realidade de uma significativa parcela da população brasileira.

No entanto, apenas uma das etapas foram fomentadas no projeto, o acesso aos recursos materiais, nesse caso específico, as embarcações. Mas, existiam outras "correntezas" a serem vencidas, como: a necessidade de recursos para a própria manutenção do material, a falta de profissionais capacitados para a condução das aulas, auxiliados, se preciso, por voluntários e, principalmente, a intervenção de políticas públicas municipais e até mesmo de instituições privadas locais, para que o projeto conseguisse "sobreviver", fato não ocorrido e desprezado pela CBCa.

Entretanto, outro programa para a propagação da modalidade foi apresentado nove anos mais tarde, denominado de "Rema Brasil", que constava com os seguintes objetivos:

*Um dos projetos mais importantes da Confederação Brasileira de Canoagem é, sem dúvida, o Projeto Rema Brasil. Lançado no dia 1º de fevereiro de 1999, o Rema Brasil está ampliando e fortalecendo a prática da canoagem nas entidades filiadas, através de um auxílio mensal e proporcional ao número de alunos. Outro ponto importante do projeto é o envio de um caiaque a cada três meses, para as escolas que possuam um número mínimo de 30 alunos (REVISTA CANOANDO, 1999, p. 6).*

Assim, a proposta do “Rema Brasil” era de auxiliar as entidades locais que já desenvolviam qualquer modalidade da canoagem e incentivar outras a iniciarem-se em um novo meio esportivo, não convencional, para a maior parte da população brasileira.

Durante os primeiros meses de desenvolvimento do projeto, a verba foi concedida às entidades filiadas (associações, clubes, prefeituras...). Depois, houve um corte abrupto, como relata a seguinte circular 158/99 enviada em 17 de novembro de 1999 pela CBCa, a todas entidades que integravam o projeto (Anexo I, p.101):

No entanto, os repasses subseqüentes a circular 158/99 nunca ocorreram, fazendo com que esse projeto não perdurasse mais que um ano, esbarrando nos mesmos empecilhos socioculturais apresentados no projeto anterior.

Diante dessas lacunas apresentadas, geradoras de imprescindíveis necessidades, tornou-se praticamente inexecutável a continuidade desses dois projetos, fato ocorrido no município de Piracicaba, sendo este um dos pioneiros a aderir as políticas de propagação (se assim podemos considerá-las), propostas pela CBCa com a implantação do Projeto Escolas, em 1991, como retrata o jornal local (Anexo II, p.104):

*A Prefeitura Municipal está dando força total a fim de que a Escola de Canoagem Municipal venha a ser efetivamente uma modalidade esportiva potente e que possa levar o nome de Piracicaba com atletas da própria cidade.*

*A Escola de Canoagem Municipal funcionará no lago do Parque da Rua do Porto, com caiaques-escola da Coordenadoria de Esportes, Turismo e Lazer (JORNAL DE PIRACICABA, 23 de março de 1991).*

Nestas circunstâncias, a Escola Municipal de Canoagem, durante os anos de 1991 e 1992, conseguiu fomentar seu crescimento, em função do poder público municipal incluir a canoagem dentro de seu programa de esportes. Porém, com a mudança do governo municipal, em 1993, a situação não permaneceu de acordo com o mandato anterior. Um bom exemplo dessa situação, foi a matéria publicada dois anos após a instituição do projeto (Anexo III, p.105):

*[...] O prefeito Antonio Carlos de Mendes Thame não cedeu transporte da Prefeitura para levar canoístas piracicabanos para competirem no campeonato brasileiro de descenso, que acontecerá esse final de semana, em Visconde de Mauá (RJ). O campeonato é o mais importante do ano já que é a única seletiva que os canoístas terão para participarem do Sul- americano, na Bolívia; Pré-mundial sênior, que será disputado na Itália e o mundial júnior que será realizado nos Estados Unidos (O DIÁRIO DE PIRACICABA, 12 de março de 1993).*

Assim, a canoagem no município piracicabano começava a adquirir características semelhantes a uma modalidade convencional, pois no governo anterior iniciou-se gratuitamente aulas de uma atividade esportiva não convencional, conquistando um relativo número de participantes, adequação de materiais específicos e democratização do espaço para a prática, professores qualificados, entre outros aspectos.

Esta situação favorável para expansão da canoagem, somente foi possível em virtude da implementação de um programa esportivo municipal voltado para a participação popular, sendo que o poder público contava ainda com a parceria de entidades privadas para a manutenção das modalidades esportivas, neutralizando as lacunas que a Confederação não considerava como primordiais.

Em contrapartida, com a mudança do governo municipal, toda estrutura do programa começou a se desmoronar, num primeiro momento, com o remanejamento dos profissionais que atuavam com a modalidade para outra área, não havendo, portanto, profissionais capacitados para conduzir as aulas; falta de relações intersecretarias prejudicando o rendimento da equipe, descompromisso por parte do poder público municipal em relação ao esporte e o lazer, principalmente com a ausência de verba para manutenção e ampliação desta modalidade.

Entretanto, cabe ressaltar que a canoagem começava a se destacar e ganhava cada vez mais adeptos, necessitando ampliar sua estrutura para comportar um número de aproximadamente 50 canoístas, como publica a Revista Esporte, Lazer e Turismo (1992).

Diante dessas circunstâncias, o projeto não perdurou por mais de dois anos, confrontando-se com as barreiras de caráter financeiro, política de hierarquia de necessidades, falta de relações entre profissionais e voluntariado, entre outras, vindo somente a ter continuidade com a fundação de uma associação local, tornando-se mais tarde a principal entidade responsável pelas conexões entre o poder público, canoagem no município e os órgãos administrativos da modalidade (Federação e Confederação).

Isso demonstra a necessidade de uma Política Nacional para o Esporte, que não o deixe à mercê de mudanças ocorridas local e regionalmente. Demonstra, ainda, a busca de alternativas metodológicas de participação comunitária, tendo em vista a continuidade de programas e projetos, a despeito de mudanças de administrações.

Um bom exemplo de proposta de popularização das diversas modalidades esportivas náuticas, surgiu em 1999 com o antigo Instituto Nacional do Desenvolvimento de Desporto (INDESP), atualmente denominado de Secretaria Nacional do Esporte inaugurando o “Projeto Navegar”, idealizado pelo medalhista olímpico Lars Grael.

Seu principal ideal seguia em busca da universalização da prática dos esportes náuticos, mais precisamente o remo, a canoagem e a vela, aproveitando as características ambientais favoráveis de nosso país, pouco exploradas para a formação social<sup>26</sup>.

Os objetivos iam ao encontro da integração intersecretarias, partindo primeiramente, com o elo Esporte/ Educação, contando ainda com as áreas da Saúde, Meio Ambiente, Turismo e a colaboração da Capitania dos Portos e o Corpo

---

<sup>26</sup> ESPORTE. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/navegar>> Acesso em: 2003.

de Bombeiros, fornecendo o respaldo necessário, visando a segurança dos praticantes e a capacitação básica sobre os princípios de navegação.

Estimulava, também, a formação de uma consciência náutica e acessibilidade a crianças e adolescentes entre 12 e 15 anos, residentes em comunidades ribeirinhas, lacustres e costeiras, matriculados na rede pública de ensino, preferencialmente as que se encontram em áreas de risco.

Envolvia, ainda, a ampla relação entre profissionais de competência específica das modalidades existentes (remo, canoagem e vela) contribuindo para a capacitação de monitores no acompanhamento e treinamento dos jovens incluídos no programa<sup>27</sup>.

Durante os quatro primeiros anos do projeto (1999 - 2002) foram atendidos, em todo o Brasil, 14. 280 crianças e adolescentes nas três modalidades oferecidas.

Assim, de acordo com as propostas e os dados apresentados, o “Projeto navegar” fornecia um grande avanço para os esportes náuticos nacionais, fato jamais ocorrido na área náutica brasileira.

Atualmente, com a mudança de Governo, o projeto está sendo reavaliado. Apesar da importante contribuição do trabalho integrado do Ministério do Esporte com as demais Secretarias Federais, tendo apoio das Confederações participantes (remo, canoagem e vela), essas mesmas confederações não devem se vincular, única e exclusivamente, somente a um projeto, mas sim, desenvolver e estimular outros projetos, na busca de incentivo e contribuição para suas respectivas modalidades, aumentando o número de adeptos nas atividades náuticas, num país que tem muito a oferecer nessa área, seja por meio do esporte educação, participação ou de alta performance.

O principal requisito para elevar ainda mais a canoagem nacional, em eventos de grande porte como campeonatos Pan-americanos, Mundiais e Olimpíadas, está diretamente envolvido com o tratamento que se fornece à iniciação

---

<sup>27</sup> ESPORTE. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/navegar>> Acesso em: 2003.

do esporte, ou seja, a massificação esportiva constitui o principal alicerce para a propagação da modalidade, tanto qualitativamente quanto quantitativamente, para que ocorra, também, revelações de novos atletas, fornecendo, portanto, a importante oportunidade da participação esportiva como um fator de reinserção social.

Assim, a canoagem, enquanto atividade esportiva de participação, constitui-se como uma atividade de lazer dentro do seu conteúdo físico esportivo, podendo de inúmeras maneiras apropriar-se de recursos lúdicos no exercício do seu aprendizado, fornecendo grandes contribuições à popularização do esporte.

Desta perspectiva, abordamos, no item que segue, como estudo de caso, o município de Piracicaba, na qual a canoagem passou a ter uma identidade popular, ou seja, por meio de uma Associação local, conveniada à Prefeitura Municipal, onde ambas conseguiram parcerias com empresas privadas, adquirindo os recursos físicos, materiais, pessoais e profissionais para o desenvolvimento do Projeto Desporto de Base (P.D.B.), objeto desta análise.

### **2.3. Projeto Desporto de Base (P.D.B.) em Piracicaba - Preservando a formação esportiva, enquanto garantia de oportunidade**

O Projeto Desporto de Base (P.D.B.), implantado na cidade de Piracicaba em 1989, iniciou uma nova diretriz para o esporte, viabilizando uma política esportiva municipal, no âmbito esportivo e de lazer, fornecendo a oportunidade aos munícipes, considerando seus direitos (GODOY, et al, 1989).

Este projeto, acolhido pela extinta Secretaria de Esportes, Lazer e Turismo, atualmente denominada de Secretaria de Esporte Lazer e Atividades Motoras (SELAM) difere-se de muitos programas esportivos vinculados ao poder público, marcados, quase sempre, pela gestão tradicional, conforme destacado por Zingoni (2003), no primeiro capítulo.

Geralmente, nos deparamos com filosofias de trabalho extremamente excludentes, impulsionadas, num primeiro momento, pela massificação, no entanto, utilizando-se mais tarde, de métodos seletivos mais conhecidos popularmente como

as "peneiras" entre outros (que limitam e inibem o praticante em todos os aspectos seja de caráter físico, social, afetivo...), dotados de métodos extremamente rígidos para a seleção dos "futuros talentos e promessas esportivas", deixando transparente seu objetivo: "detectar talentos esportivos através do processo de massificação - da quantidade obtém-se a qualidade" (GODOY, et al, 1989, p. 80).

Infelizmente, essa visão persiste em muitos programas "educacionais" de formação esportiva, pois, o praticante, independente da sua preferência por qualquer modalidade (geralmente a iniciação ocorre precocemente), passa a ser, simplesmente, um ser humano avaliado pela sua produção, que em remota hipótese trará "benefícios" àquela instituição formadora.

Por outro lado, os demais alunos são taxados como aqueles que não obtiveram êxito e muito menos sucesso na modalidade, quando, muitas vezes, a criança ou o adolescente está apenas envolvido com a prática esportiva, pela expectativa de um novo aprendizado.

O município de Piracicaba, por meio da SELAM elaborou um programa de formação esportiva, buscando a garantia de oportunidades a todos os interessados, dentro de um processo educativo, tendo a evolução da performance como mera consequência das habilidades de cada indivíduo, adotando uma metodologia composta por três fases distintas, interligadas mas não necessariamente progressivas:

- Fase I - Iniciação esportiva específica, enfatizando a promoção de atividades lúdicas.
- Fase II - Aperfeiçoamento técnico específico
- Fase III - Treinamento de alto rendimento, aprimoramento da performance esportiva

Entretanto, o P.D.B. propõe e desenvolve, ainda, um programa de animação interligada, ou seja, a realização de atividades esportivas (aulas e treinamentos), duas ou mais vezes na semana nos centros de treinamento, sendo denominada de ações freqüentes, contando com os *eventos internos ou de apoio* englobando as

fases I e II, com a promoção de festivais envolvendo atividades competitivas e cooperativas entre os próprios núcleos e os *eventos especiais ou de impacto* abrangendo outras manifestações culturais de lazer.

Partimos do princípio que a evolução será inevitável para todos os alunos da fase I e II, respeitando, porém, o aprendizado motor individualmente, pois assim a particularidade específica dos movimentos de cada modalidade será resultado da interação entre indivíduo e o meio ambiente, aprimorando-se das experiências colhidas ao longo dos anos de sua vida, provocando um desenvolvimento natural das capacidades inatas (OLIVEIRA, 1998).

Segundo Bonacelli e Soares (2001), as fases I e II do P.D.B. obtiveram até o ano de 2000, uma média de 4300 participantes envolvidos com atividades físicas, nos diversos contextos, através de um trabalho diário desenvolvido por 17 professores da SELAM, auxiliados por 20 estagiários de Educação Física, da Universidade Metodista de Piracicaba.

Concluindo o projeto, a fase III envolve atletas que vivenciaram as duas primeiras etapas e continuam a superar-se no aprimoramento, seja da performance em modalidades individuais<sup>28</sup> ou coletivas, tanto nos treinamentos quanto em competições regionais, nacionais e internacionais, caracterizando o esporte como de alta performance.

Com esses pressupostos, Godoy et al (1989) implantaram uma filosofia almejando a superação do simples divertimento por meio do esporte, possibilitando o desenvolvimento pessoal e social, bem como a passagem de um nível de prática elementar e conformista, para uma prática crítica e criativa, sendo a canoagem um pequeno ramo das diversas modalidades esportivas existentes.

Compreendemos, então, que para o desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva, primeiramente é de extrema importância que a mesma se torne popular, contribuindo para a minimização das barreiras sócio-culturais, promovendo a participação em massa, elevando os níveis de participação

---

<sup>28</sup> Especificamente, a fase III do P.D.B. envolve as seguintes modalidades individuais: Natação, Karatê, Pugilismo, Capoeira, Atletismo, Xadrez, Damas, Ginástica Rítmica, Canoagem, Tênis de Mesa, Tênis de Campo. Como também, modalidades de caráter coletivo: Futebol, Basquetebol, Futebol de Salão, Handebol, Voleibol (BONACELLI E SOARES, 2001).

elementar, caracterizado pelo conformismo ao inventivo, que impera a criatividade; democratizando os espaços para a prática da modalidade. Nessa perspectiva a canoagem deverá seguir os mesmos princípios (MARCELLINO, 2000).

### *2.3.1. Projeto Desporto de Base na modalidade Canoagem*

Em 1989, adeptos da canoagem/lazer, em Piracicaba, criaram uma prova de caráter festivo a fim de promover a modalidade no município. Esta prova tornou-se o marco para que a canoagem começasse a criar uma identidade com a população local.

Em 1991, a canoagem passou a integrar o rol de modalidades do P.D.B., no município de Piracicaba, filiando-se ao “Projeto Escolas” desenvolvido pela CBCa, recebendo o material adequado, tornando a cidade uma das pioneiras no Brasil a implantar uma modalidade de aventura, dentro do ciclo esportivo popular, surgindo, assim, a “canoagem popular”, tendo como prioridade a reinserção social, procurando levar, conseqüentemente, aos níveis de esporte de participação e de competição (GODOY, et al, 1989).

Essa canoagem popular contribui para a massificação de um esporte com pouca tradição em nosso país; é um avanço para as atividades náuticas esportivas se considerarmos que existem vários esportes como a canoagem, que sofrem com a monocultura futebolística, acarretando dificuldades e um determinado “amadorismo”, no sentido pejorativo, para a proliferação das demais atividades esportivas, no âmbito nacional.

Em contraponto, a canoagem piracicabana ingressou no ciclo esportivo do P.D.B. quando este aderiu ao “Projeto Escolas”, desenvolvido pela CBCa, em 1991, o qual passava a fornecer embarcações para que novas escolas se concretizassem por todo o país.

No entanto, conforme já destacamos anteriormente, falhas vieram a ocorrer causando empecilhos para que as entidades responsáveis pela canoagem se

firmassem em longo prazo. Uma delas foi a falta de relações mais eficazes com o poder público municipal.

Além da falta de relação com o poder público, outras barreiras provocavam entraves, como a de faixa etária, tempo e espaços adequados para a prática, gênero, materiais específicos e suas devidas manutenções, falta de profissionais capacitados, falta de intervenção de empresas privadas, impossibilitando, assim, a propagação da canoagem nas vertentes lazer, esporte/participação ou esporte/competição (MARCELLINO, 2000), conforme descrito no capítulo anterior.

Temos total consciência que cabe à CBCa administrar os projetos por ela elaborados, como também estabelecer relações com as prefeituras de cidades com potencial para o desenvolvimento e implantação da canoagem, sendo, enfim, auxiliada futuramente por entidades municipais que venham a ser criadas, que servirão como órgãos mediadores entre o poder público municipal e a CBCa.

Assim, para que as escolas tenham uma continuidade em longo prazo, as barreiras existentes nos programas propostos pela CBCa deverão ser superadas ou minimizadas e, nesse sentido, uma iniciativa interessante vem sendo desenvolvida em Piracicaba com a implantação de associações locais, que passaram a dirigir a canoagem no município, além de constituírem o elo principal entre o poder público, as Federações Estaduais e a própria CBCa, conforme enfocamos mais adiante.

A canoagem, por sua vez, insere-se neste programa municipal de esporte e lazer, aderindo a mesma filosofia de trabalho realizada com as demais modalidades integrantes, aplicando os seus princípios básicos de participação e formação esportiva. Porém, ao atingir um excelente nível de organização e da necessidade de disposição espacial alternativa – necessidade de contato direto com o meio natural como rios e lagos, passou ser denominada de “Projetos Específicos por Modalidade”.

Respeitando as fortes tradições culturais e geográficas peculiares do município piracicabano, atando fortes vínculos com a presença do rio Piracicaba e do lago da Área de Lazer Municipal, são estes pontos turísticos de grande representatividade para a cidade, agregando lazer como forma de educação ambiental. A Escola Municipal de Canoagem, num trabalho conjunto com o Clube

Regatas de Piracicaba, bem como a contribuição voluntária por meio de Pais e Amigos da Canoagem, é considerada uma escola modelo em nível nacional, servindo de parâmetro para o desenvolvimento de outros pólos nessa modalidade, de acordo com os dados da Revista Esporte, Turismo e Lazer (1992).

Desde então, a canoagem foi inserida nas atividades esportivas municipais com a intenção de fortificar-se a cada ano. No entanto, com a troca da administração municipal em meados de 1993, a mesma passou por maus momentos, pois o comprometimento do novo governo municipal com o esporte piracicabano não permaneceu o mesmo, afetando os projetos esportivos de uma maneira geral, ocorrendo, portanto, um certo declínio nas modalidades, inclusive a canoagem por situar-se no Projeto Desporto de Base. Enfim, a canoagem piracicabana, entre 1993 e 1996 entrou em uma fase de estagnação em termos de participação popular.

Em contrapartida, atletas que se encontravam na fase de alta performance do projeto, persistiram representando o município em provas estaduais e campeonatos brasileiros, sendo selecionados para integrarem a equipe brasileira em provas internacionais.

*A equipe de Slalom da Escola Municipal de Canoagem de Piracicaba segue treinando para três competições internacionais, que acontecem nos Estados Unidos, no próximo mês. As provas a serem disputadas são o Pré-Mundial, Slalom das Américas e a Copa Internacional. As cidades sede serão South Bend, Estado de Indiana, onde ocorre a Copa Internacional e o Slalom das Américas, em Wausau, estado de Wincosin, onde acontece o Pré-Mudial (JORNAL DE PIRACICABA, 20 de julho de 1993).*

Diante da situação, esses mesmos atletas de alta performance e seus pais, interessados na modalidade, além de voluntários e adeptos da canoagem restabeleceram, em 1997, relações com o poder público, primeiramente envolvendo-se com o convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Piracicaba e a Universidade Metodista de Piracicaba, na qual alunos do curso de Educação Física ministrariam, como forma de estágio supervisionado, a modalidade canoagem no município. Coincidentemente, esses estagiários integraram o P.D.B. na posição de alunos, no respectivo projeto, anos antes.

Assim, as aulas recomeçaram elevando a participação popular no lago da Área de Lazer Municipal, apropriando-se do esporte como instrumento a ser utilizado

como componente lúdico da cultura, principalmente nas categorias iniciais, como manifestação de lazer, possibilitando o ingresso gratuito de cidadãos interessados pela prática da modalidade, concomitantemente com o poder público fornecendo as necessárias condições de como utilizá-lo.

Contudo, o envolvimento do poder público, em parceria com entidades privadas, propalou o crescimento da modalidade em âmbito municipal; a partir de 1997 a canoagem, no período de um ano, já adquiria, aproximadamente, cinquenta alunos semanalmente. A modalidade havia chegado num nível de desenvolvimento e necessitava de uma reestruturação.

Com base nesse fato, os integrantes da canoagem foram orientados, por meio do próprio poder público, a fundar uma associação que visasse defender os interesses da modalidade. No dia 15 de janeiro de 1998, fundou-se, oficialmente, a ASCAPI - Associação de Canoagem de Piracicaba (ASCAPI), cujo art. 2º de seu Estatuto prevê: "A finalidade única e exclusiva da difusão entre os sócios<sup>29</sup> da prática da canoagem, promovendo a realização de torneios internos, participando de competições oficiais e amistosas".

Sua fundação foi incentivada pela lei municipal nº 7510, 05 de março de 1997, que regulamentou a lei nº 4203/96, que: "Dispõe sobre cooperação com particulares interessados em colaborar com o Poder Público na conservação de espaços públicos destinados à prática de esporte" e dá outras providências.

Dentro da lei vigente, contribuições significativas foram conquistadas, ao estabelecer um convênio com o poder público, conseguindo-se angariar recursos financeiros que foram utilizados para a compra e manutenção do material e do espaço utilizado para o desenvolvimento das aulas e treinamentos (pista de slalom, casa de barcos...) e a filiação da Associação e dos atletas aos órgãos de administração da modalidade (Federação e Confederação).

---

<sup>29</sup> Cabe ressaltar que o estatuto da Associação de Canoagem de Piracicaba prevê: "A finalidade única e exclusiva da difusão 'entre os seus sócios' da prática da canoagem". Em contrapartida a prática da canoagem se estende a todos interessados, quer eles façam parte ou não da Associação, devido a mesma ser conveniada ao poder público municipal, e aderir as políticas do Projeto Desporto de Base.

Assim, além da modalidade esportiva canoagem, por intermédio de uma associação, legalmente constituída, vincular-se, oficialmente, ao poder público municipal, esse passou, a partir de 19 de novembro de 1992 a regulamentar a lei nº 3531, visando contribuições do poder privado, de acordo com o seu art. 1º, que assegura: “Fica instituído, no âmbito do Município de Piracicaba, incentivo fiscal para a realização de projetos culturais ou aqueles relativos ao esporte amador de competição, na forma desta lei”.

Portanto, as interfaces dentro do poder público municipal foram de fundamental importância, ou seja, as relações estabelecidas inter secretarias. Nesse caso específico podemos citar algumas que se envolveram mais diretamente: Secretaria Municipal de Transportes Internos<sup>30</sup> (SEMUTRI), Secretaria de Defesa do Meio Ambiente (SEDEMA) devido aos locais utilizados para a prática da canoagem como o lago da Área de Lazer Municipal e o próprio rio Piracicaba serem de responsabilidades dessa secretaria, Secretaria Municipal de Obras (SEMOB), auxiliando na construção e adequação do local para prática da modalidade, etc.

Em conjunto com as medidas supracitadas, estabeleceu-se uma política para a formação de quadro de professores, para que as aulas de canoagem fossem retomadas. Isso no entanto, não foi cercado de maiores dificuldades, a modalidade contava com atletas que cursavam a Faculdade de Educação Física, conseguindo se inserir no programa de bolsa estágio do Projeto Desporto de Base, como também o de atletas-bolsistas, representando Piracicaba em competições oficiais, havendo em ambos uma política de recursos humanos promovida num convênio firmado entre a Prefeitura Municipal de Piracicaba e a Faculdade de Educação Física, da Universidade Metodista de Piracicaba (BONACELLI E SOARES, 2001).

Todas essas medidas foram asseguradas por um convênio firmado em janeiro de 1998, entre a recém fundada Associação de Canoagem de Piracicaba e a Prefeitura Municipal, que visava, o desenvolvimento de modalidades esportivas, podendo se constituir na forma de equipamentos, materiais, bolsas de estudo, repasse de verbas com prestação de contas, espaços para treinamentos, estágios e outros.

---

<sup>30</sup> Cabe ressaltar que na canoagem, o transporte não se restringe somente aos atletas, mas, também, inclui as embarcações. Esse aspecto, muitas vezes, provoca grandes empecilhos para as viagens.

Assim, a canoagem no município retomava a participação popular, ao reatar relações com o poder público municipal, envolvendo-se, novamente, no Projeto Desporto de Base e minimizando as barreiras socioculturais.

Contudo, poder público, professores, estagiários e associação municipal, solidificaram relações em prol da canoagem, assemelhando-se a estrutura de animação piramidal proposta por Marcellino (2003), ou seja, no vértice encontramos os coordenadores do Projeto Desporto de Base, tidos como animadores socioculturais de competência geral; na porção intermediária temos os professores e estagiários, animadores socioculturais de competência específica, no caso o conteúdo físico esportivo canoagem e, por fim, a base, animadores socioculturais voluntários, pessoas que já se envolviam com a canoagem, pais de atletas, adeptos da canoagem lazer, que passaram a integrar a Associação Municipal da modalidade.

Mas, a propagação da canoagem, em conjunto com os demais esportes, somente tornou-se exequível a partir da Lei Orgânica do Município de Piracicaba - (3531/92) artigo 267/89, que afirma: “cabera ao município apoiar e incentivar as práticas esportivas... como direito de todos”. Seguido do artigo 268/89 que cita:

*O poder público apoiará e incentivará o lazer como forma de integração social, aplicando recursos e promovendo ações que visem: II - ao esporte educacional, comunitário, de base e competitivo, na forma de lei; III - a construção e manutenção de espaços equipados para as práticas esportivas, culturais, artísticas e de lazer. IV - a criação de programas populares de esportes e arte-educação orientados a servir as populações de baixa renda (PIRACICABA, 1992).*

Toda essa legislação preserva o direito ao lazer e às atividades esportivas, a todos os cidadãos do município, enfocando crianças e adolescentes, porém, não descartando a possibilidade de ingressarem demais interessados de outras faixas etárias, propiciando assim, a prática esportiva ao maior número de piracicabanos, como também oportunizando a participação esportiva à maior parcela da população (BONACELLI E SOARES, 2001).

Todas essas medidas, contribuíram diretamente para a propagação da modalidade, envolvendo as fases I - Iniciação e participação e fase II - aperfeiçoamento das aulas e treinamentos. Todavia, o esporte dentro das suas

manifestações envolve, da mesma forma, a alta performance, não sendo diferente no Projeto Desporto de Base como também na canoagem.

O seleto grupo, integrante da alta performance da canoagem piracicabana, foi formado por atletas provenientes das categorias de base (fases I e II), fato não muito comum no esporte de rendimento, em que as contratações de atletas tornaram-se um mercado, fato ocorrido, também, no mesmo município de Piracicaba até o ano de 1988, priorizando a "importação" de atletas de outros municípios, com a intenção de fornecer uma "maior representatividade" ao esporte municipal, evidenciando as reais intenções das políticas "públicas" (se assim podemos considerá-las novamente) descritas por Godoy, et al (1989, p. 65) e transcritas a seguir.

*[...] percebemos claramente a concepção do esporte na óptica da administração anterior e como era utilizado. Confundindo o papel do SETOR PÚBLICO (sic.) competente, investindo no ESPORTE ESPETÁCULO (sic.) e em ATLETAS DE ALTO NÍVEL (sic.) em detrimento dos DIREITOS DA POPULAÇÃO (sic.).*

Porém, a formação de uma equipe de canoagem com grande representatividade, tanto nacional quanto internacional, somente foi possível devido à política de atuação instituída em 1989 pelo Projeto Desporto de Base, possibilitando uma "inversão de prioridades". Essas novas propostas caminharam ao encontro do estabelecimento de uma Política em esportes e lazer, incentivada pelo poder público, valorizando e estimulando a população piracicabana a desfrutar de atividades físico esportivas, usufruindo das próprias instalações esportivas municipais (GODOY, et al, 1989).

Portanto, o núcleo de canoagem em Piracicaba havia se reestruturado, sendo administrado por uma Associação local (ASCAP), desenvolvendo a canoagem em três fases, dentro de um projeto desportivo popular municipal.

Esse programa de animação, interligada ao Projeto Desporto de Base, especificamente na canoagem, conta com *ações freqüentes*, retratando as aulas e